



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**A RELAÇÃO ENTRE A PERSONALIDADE DE VÍTIMAS E DE  
AGRESSORES NO ÂMBITO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE  
INTIMIDADE**

Trabalho submetido por  
**Ana Vanessa Antão Martins de Almeida Antunes Rebelo**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

**novembro de 2021**





**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**A RELAÇÃO ENTRE A PERSONALIDADE DE VÍTIMAS E DE  
AGRESSORES NO ÂMBITO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE  
INTIMIDADE**

Trabalho submetido por  
**Ana Vanessa Antão Martins de Almeida Antunes Rebelo**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Neves**  
e coorientado por  
**Prof.<sup>a</sup> Doutora Iris Almeida & Prof. Doutor Ricardo Ventura Baúto**

**novembro de 2021**



## Agradecimentos

A dissertação finaliza um ciclo de estudos, mas, mais do que isso, é um acumulado de experiências e aprendizagens que, reunidas, se concentram num documento público e num sentimento de conquista, vitória e, sucesso. Foi uma luta diária, ao longo dos últimos dois anos do Mestrado em Psicologia Forense e Criminal, que se traduzem em alegria por ter alcançado esta meta. Sou grata a várias pessoas que ajudaram, cada uma com o seu contributo pessoal, a chegar onde estou hoje.

Começo pelos Professores e Professoras do Instituto Universitário Egas Moniz, todos sem exceção, que, desde a licenciatura, sempre me motivaram a querer aprender mais e fazer melhor. Graças a eles, embarquei nesta aventura do mestrado, ultrapassei desafios como regressar ao ensino superior aos 38 anos e, após ser novamente mãe, ter a possibilidade de frequentar as aulas mesmo com uma bebé recém-nascida presente.

Esta dissertação tem um agradecimento muito especial à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Neves, sempre disponível para ajudar e esclarecer todas as minhas dúvidas. Dotada de um conhecimento incrível, contribuiu para este sucesso e só posso ter gratidão pela sua paciência e compreensão nos momentos mais difíceis. Não posso deixar de agradecer também o contributo dos coorientadores, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Iris Almeida e o Prof. Doutor Ricardo Baúto, por todo o apoio prestado face às suas experiências e conhecimentos no tema da violência doméstica e, em especial, na violência nas relações de intimidade. Quero agradecer também à Prof.<sup>a</sup> Doutora Catarina Ramos, pela sua colaboração e apoio na revisão sistemática que compõe a presente dissertação.

Um agradecimento especial à minha colega Patrícia que me ajudou a integrar na licenciatura, que se tornou uma amiga e que, ocupa hoje, um lugar especial no meu coração e na minha família. O apoio mútuo trouxe-nos aqui, somos abençoadas!

Por último, mas com a maior importância e sempre em 1º lugar, agradecer à minha família: os meus Pais Manuel e Gabriela, que me incentivaram a nunca desistir e lutar diariamente; ao meu marido Rodrigo, que esteve sempre ao meu lado a encorajar-me e a apoiar para que nada falhasse; às minhas filhas Lara e Diana, pelas vezes que são privadas de brincadeiras com a mãe, que espera ensinar-lhes perseverança, resiliência, organização, foco e orientação na conquista dos nossos sonhos; ao pequeno Ricardo, ainda na barriga, mas que já vive em constante correria. OBRIGADA!

*“Eu sei que a realidade às vezes esmaga sonhos, tira o sono, a paz, a alegria. Mas, por favor, não perca a esperança.”* (Autoria desconhecida)



## Resumo

A violência nas relações de intimidade, é um fenómeno universal, com elevada prevalência. Inclui a violência física, a sexual, a psicológica, entre outras formas (e.g., perseguição, social, económica). Sendo, frequentemente, originada por comportamentos agressivos, que são influenciados pelos pensamentos, emoções e comportamentos, a personalidade poderá ter um papel relevante na prática deste tipo de violência.

Esta dissertação pretende verificar o conhecimento existente na literatura sobre a violência nas relações de intimidade e sobre o papel que a personalidade poderá ter, bem como, identificar se existe alguma relação entre as personalidades de agressor e respetiva vítima. Para tal, foi realizada uma revisão sistemática (1º artigo) que teve como objetivo perceber que estudos existem e que relacionem estes dois temas e, um estudo empírico (2º artigo) que teve como objetivos identificar se existe alguma relação entre a personalidade do agressor e da vítima e, entre a personalidade e o tipo de violência perpetrada/sofrida.

Os resultados da revisão sistemática revelaram escassez de estudos que relacionem a violência nas relações de intimidade com a personalidade de agressores e/ou vítimas e, os que existem, focam-se principalmente na psicopatologia da personalidade.

O estudo empírico incidiu sobre uma amostra de 32 casais heterossexuais, com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos ( $M = 44.00$ ;  $DP = 10.75$ ). Os resultados evidenciaram uma correlação positiva entre a conscienciosidade do agressor e a amabilidade da vítima e, entre o traço de personalidade amabilidade do agressor e a perpetração de maus tratos emocionais e maus tratos físicos relatados pela vítima.

Estes resultados poderão ser úteis para uma compreensão mais abrangente da violência nas relações de intimidade, para a criação de programas de prevenção e, programas de intervenção mais eficazes que visem a redução da violência nas relações de intimidade bem como da reincidência.

*Palavras-chave:* violência nas relações de intimidade; personalidade; perpetração; vitimação.



## Abstract

Intimate partner violence, is a universal phenomenon, with a high prevalence. It includes physical, sexual, psychological, among other forms of violence (e.g., social, economic). Being often caused by aggressive behaviors, which is influenced by thoughts, emotions and behaviors, the personality can play a relevant role in the practice of intimate partner violence.

This dissertation aims to verify the existing knowledge in the literature about intimate partner violence and about the role that personality may have, as well as to identify if there is any relationship between the personality of the aggressor and his victim. To this end, a systematic review (1st article) was carried out, which aimed to understand what studies exist that relate these two themes, and an empirical study (2nd article) that aimed to identify whether there is any relation between the aggressor's and victim personality and between the personality and the type of violence perpetrated/suffered.

The results of the systematic review revealed few studies relating the intimate partner violence to the personality of aggressors and/or victims, and those that exist focus mainly on personality psychopathology.

The empirical study focused on a sample of 32 heterosexual couples, aged between 18 and 59 years ( $M = 44.00$ ;  $SD = 10.75$ ). The results showed a positive correlation between the conscientiousness of the aggressor and the agreeableness of the victim, and between the agreeableness personality trait of the aggressor and the perpetration of emotional and physical abuse related by the victim.

These results may be useful for a more comprehensive understanding of intimate partner violence, for the creation of prevention programs, and more effective intervention programs aimed at reducing intimate partner violence as well as recidivism.

*Keywords:* violence in intimate relationships; personality; perpetration; victimization.



## Índice

Resumo	1
Abstract	3
Índice das Figuras	7
Índice de Tabelas	9
Introdução Geral	11
Objetivos	14
Estrutura da Dissertação	14
Referências	15
<b>Artigo 1 - “Violência Nas Relações De Intimidade: O Papel Da Personalidade – Uma Revisão Sistemática”</b>	
Resumo	21
Abstract	22
Introdução	23
A violência nas relações de intimidade	24
A violência nas relações de intimidade e a personalidade	26
Método	28
Estratégias de Pesquisa	28
Critérios de Seleção de Artigos e Extração de Dados	28
Resultados	30
Discussão	34
Referências	37
<b>Artigo 2 - “Estudo Sobre A Relação Entre A Personalidade De Vítimas E De Agressores Na Violência Nas Relações De Intimidade”</b>	
Resumo	41
Abstract	42
Introdução	43
A violência nas relações de intimidade	43
Personalidade	44
Método	47
Participantes	47
Instrumentos	48
Procedimento	51

Resultados	52
Análises Descritivas	52
Correlações	53
Discussão	55
Referências	59
Conclusão Geral	63

## **Índice das Figuras**

**Artigo 1** – “Violência Nas Relações De Intimidade: O Papel Da Personalidade – Uma Revisão Sistemática”

Figura 1. *Estratégia de pesquisa para a revisão sistemática* 29



## Índice das Tabelas

### Artigo 1 – “Violência Nas Relações De Intimidade: O Papel Da Personalidade – Uma Revisão Sistemática”

Tabela 1. <i>Resumo das características gerais dos artigos incluídos na revisão sistemática</i>	31
---	----

### Artigo 2 – “Estudo Sobre A Relação Entre A Personalidade De Vítimas E De Agressores Na Violência Nas Relações De Intimidade”

Tabela 1. <i>Caracterização da amostra</i>	47
Tabela 2. <i>Análise consistência interna dos domínios do NEO-PI-R</i>	48
Tabela 3. <i>Análise consistência interna das facetas do NEO-PI-R</i>	49
Tabela 4. <i>Análise consistência interna dos maus tratos associados ao comportamento violento - IVC</i>	50
Tabela 5. <i>Análise descritiva dos domínios do NEO-PI-R (percentil)</i>	52
Tabela 6. <i>Análise descritiva dos maus tratos associados ao comportamento violento – IVC</i>	52
Tabela 7. <i>Correlações de Pearson entre os domínios do agressor e vítima (NEO-PI-R)</i>	53
Tabela 8. <i>Correlações de Pearson entre os domínios do agressor e vítima (NEO-PI-R) e o tipo de maus tratos (IVC)</i>	54



## **A Relação Entre A Personalidade De Vítimas E De Agressores No Âmbito Da Violência Nas Relações De Intimidade**

### **Introdução Geral**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) a violência é universal e fará, provavelmente, parte da condição do ser humano. Por ano, morrem mais de um milhão de pessoas vítimas de violência, para além de todos aqueles que sofrem danos não fatais.

A definição de violência pode variar de acordo com alguns fatores (e.g., cultura de um país/povo, legislação). De modo global, a definição da OMS sobre a violência é abrangente: o uso de força intencional, ameaça ou poder sobre o outro, pode ser influenciada pelas características do agressor, pela cultura onde está inserido, pelas suas crenças e, também por fatores de vulnerabilidade da vítima, como sendo a dependência financeira ou a existência de filhos em comum (Krug et al., 2002).

Dentro da violência geral, está a violência doméstica, que ocorre dentro de uma família e pode ser perpetrada e dirigida a qualquer membro da mesma. Quando a violência é praticada entre parceiros ou ex-parceiros, é designada por violência nas relações de intimidade (VRI) e, face à sua prevalência, tem sido alvo de vários estudos. Alguns autores identificam que na maioria dos casos a perpetração é feita por homens (Johnson & Ferraro, 2000), no entanto, estudos mais recentes revelam simetrias de género, com perpetração feminina idêntica à masculina (Davoren et al., 2017; Dowgwillo et al., 2016).

Os tipos de violência praticados nas relações íntimas são, maioritariamente físicos e psicológicos e, nesta dinâmica, identificam-se principalmente dois padrões: uma violência caracterizada por múltiplos tipos de abusos severos e que incluem possessividade e controlo sobre a vítima, também conhecido como terrorismo patriarcal; e, uma violência provocada por atitudes agressivas e que, por vezes, se transformam em comportamentos agressivos (Johnson, 1995; Johnson & Ferraro, 2000; Krug et al., 2002; Pietri & Bonnet, 2017; Sijtsema et al., 2014). A VRI pode evoluir de acordo com o ciclo de violência o que, muitas vezes justifica a permanência na relação abusiva. Este ciclo de violência é composto por três fases: a fase do aumento da tensão, a fase do ataque violento e a fase da lua de mel. Na fase do aumento da tensão ocorrem divergências e conflitos, não conseguindo o agressor encontrar estratégias adequadas de resolução; estes conflitos vão evoluindo e incrementam o aumento da tensão. Na fase do ataque violento, os conflitos

crecentes rapidamente se transformam em comportamentos violentos começando pela violência verbal e culminando na física (o agressor descarrega toda a tensão anteriormente acumulada). Na fase da lua de mel o agressor revela arrependimento e promete que este tipo de comportamentos não terá repetição, iniciando um clima de enamoramento para com a vítima. Ao longo de todo o ciclo, a vítima tenta sempre apaziguar o agressor, muitas vezes recorrendo ao silêncio para evitar o confronto, e vivendo um sentimento constante de perigo iminente (Walker, 2009).

Existem alguns fatores de risco na perpetração da violência ao parceiro, sendo os mais frequentes o historial de violência familiar, o uso de substâncias (consumos de álcool e/ou drogas), as perturbações da personalidade, fatores individuais (como a personalidade) e, fatores culturais e sociais (como o papel de género) (Krug et al., 2002). Os fatores de risco mais estudados para a perpetração da VRI são as experiências adversas vividas na infância, como testemunhar ou sofrer violência familiar e, estão associados a maior perpetração e vitimação na adultícia (Hoyt et al., 2012).

As consequências da vitimação são várias: repercussões na saúde mental pois têm um efeito stressor traumático, repercussões psíquicas (como sendo depressão, ansiedade, sintomas de Perturbação de Stress Pós-Traumático), tentativas de suicídio e, lesões físicas que incluem a saúde reprodutiva da mulher (Cascardi et al., 2018; Davoren et al., 2017; Yalch et al., 2020). As consequências psicológicas podem ser devastadoras e aumentam o risco de psicopatologia (Moreira et al., 2019). Os custos associados, em termos de saúde pública, são elevadíssimos, atingindo várias centenas de milhões de dólares (Davoren et al., 2017). Para além dos custos na saúde pública, existem custos económicos (e.g., perda salarial, absentismo laboral, despedimento, custos de organizações públicas e privadas) e custos para a sociedade (e.g., através de impostos que, direta ou indiretamente, suportam o sistema de saúde, o sistema judicial, organizações não governamentais de apoio a vítimas); custos que afetam gerações futuras (e.g., filhos afetados pela exposição à violência) e, custos difíceis de quantificar como sendo custos sociais/culturais (e.g., mudanças de residência, deslocalização de rede de suporte) (Lisboa et al., 2003; Lisboa et al., 2008).

Ao abrigo da Legislação Portuguesa, a VRI é um crime público, inserida nos crimes de violência doméstica e maus tratos, tipificados no Artigo 152º do Código Penal que define quais as penas a aplicar a quem, isolada ou continuamente, perpetre maus tratos físicos ou psíquicos a cônjuges ou ex-cônjuges, e/ou familiares em coabitação ou não. Existem, igualmente, leis que estabelecem uma rede nacional de apoio às vítimas e

normas relativas aos seus direitos (Lei n.º 112/2009 e 130/2015). Todavia, tal não evita que continue a ter elevada expressão nacional. Os números disponibilizados pelo Relatório Anual de Segurança Interna de 2020 indicam um total de 27637 participações de violência doméstica, sendo o crime de VRI a tipologia criminal mais participada com 23439 participações (cerca de 85% do total de crimes de violência doméstica). Relativamente ao sexo, 75% das vítimas são mulheres e 74% têm idade igual ou superior a 25 anos (RASI, 2020).

Como mencionado, existem vários fatores de risco que tentam explicar a VRI, sendo um deles a componente individual na qual a personalidade está integrada. Estando os comportamentos agressivos associados a traços de personalidade, importa tentar perceber a influência que poderá ter na VRI e, se existe alguma ligação entre estes traços de personalidade e o tipo de violência que é exercida.

Para um melhor entendimento do estudo sobre a personalidade, importa saber que diferentes perspetivas tentaram compreender este construto, desde a psicodinâmica ao traço, passando pela humanista e pela cognitiva, bem como a biológica. Autores como Eysenck, Bandura, Maslow, Skinner, Freud, Jung, Rogers, deram o seu contributo para esta compreensão (Corr & Matthews, 2020).

A literatura identifica um papel dos processos biológicos na formação da personalidade, incluindo uma componente genética e, ao longo dos anos o estudo foi convergindo para a aceitação consensual da influência dos pensamentos, emoções e comportamentos do indivíduo, através de traços de personalidade que são estáveis e permanentes na adultícia (Costa & McCrae, 2006; Fuentes et al., 2010).

A personalidade de um indivíduo contém traços e características constantes que organizam a sua maneira de ser e agir nas mais variadas situações, sendo as suas reações idênticas quando os estímulos são semelhantes (Pietri & Bonnet, 2017). Esta definição, recorrendo a traços de personalidade para predizer comportamentos em determinadas situações, começou com Allport, foi defendida também por Cattell em 1979 e teve seguimento com McCrae & Costa, em 1987, na identificação do modelo dos cinco grandes fatores (*Big Five*) que atualmente reúnem consenso na comunidade científica, não obstante este modelo ter tido o seu início na década de 60 (Corr & Matthews, 2020).

Este modelo *Big Five* é universal e é composto por cinco grandes domínios, cada um deles composto por 6 facetas que, conjuntamente, atribuem ao traço maior ou menor expressão na personalidade (Costa & McCrae, 2000). Embora os traços sejam estáveis e duradouros, alguns traços de personalidade poderão atenuar a sua intensidade ao longo

da vida, nomeadamente com o avançar da idade, em especial, na população mais idosa (e.g., neuroticismo, extroversão e abertura à experiência, tornando-se indivíduos mais conservadores, calmos, seguros e reservados). No domínio da conscienciosidade, que é caracterizado por indivíduos mais confiáveis e organizados, verifica-se uma pontuação mais elevada na população mais idosa. Estas alterações sugerem que os domínios da personalidade sofrem modificações ao longo do tempo, provavelmente por uma adaptação a diversas circunstâncias e eventos da vida (Costa & McCrae, 2006; Gonzatti et al., 2017).

Tendo por base o exposto, urge compreender a VRI no seu todo, com especial destaque para temas menos estudados, como é o caso da personalidade do agressor e da vítima.

### **Objetivos**

A presente dissertação tem como objetivo compreender e analisar o impacto que a personalidade de agressores e vítimas poderá ter no contexto da VRI. Para tal, foram definidos objetivos concretos, nomeadamente identificar o conhecimento já existente sobre a relação entre a personalidade e a VRI, através de uma revisão sistemática; a realização de um estudo empírico que permitiu analisar a estrutura da personalidade de agressores e respetivas vítimas, analisando eventuais relações; e, analisar a estrutura da personalidade e relacionar com o tipo de violência perpetrado/sofrido.

### **Estrutura da dissertação**

A presente dissertação está dividida em quatro partes: a introdução do presente trabalho e objetivos do mesmo; o primeiro artigo composto por uma revisão sistemática; o segundo artigo, um estudo empírico; e, conclusão geral.

## Referências

- Cascardi, M., Chesin, M., & Kammen, M. (2018). Personality correlates of intimate partner violence subtypes: A latent class analysis. *Aggressive Behavior, 44*(4), 348–361. <https://doi.org/10.1002/ab.21756>
- Corr, P. J., & Matthews, G. (Eds.). (2020). *The Cambridge Handbook of Personality Psychology*. Cambridge University Press.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2000). *NEO-PI-R, Manual Profissional, Inventário de Personalidade Neo Revisto*. CEGOC-TEA.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (2006). Age changes in personality and their origins: Comment on Roberts, Walton, and Viechtbauer (2006). *Psychological Bulletin, 132*(1), 26–28. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.26>
- Davoren, M., Kallis, C., González, R. A., Freestone, M., & Coid, J. W. (2017). Anxiety disorders and intimate partner violence: can the association be explained by coexisting conditions or borderline personality traits.? *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology, 28*(5), 639-658. <https://doi.org/10.1080/14789949.2016.1172659>
- Dowgillo, E. A., Ménard, K. S., Krueger, R. F., & Pincus, A. L. (2016). DSM-5 pathological personality traits and intimate partner violence among male and female college students. *Violence and Victims, 31*(3), 416-437. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00109>
- Fuentes, D., Moreno, C., Sassi, F., Frambati, L., Lacerda, J., & Malloy-Diniz, L. F. (2010). Avaliação da personalidade e sua contribuição à avaliação neuropsicológica. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, P. Mattos & N. Abreu, (Eds.), *Avaliação Neuropsicológica*, 198-208. ARTMED.
- Gonzatti, V., da Cunha, A. M., Bastos, A. G., Tatay, C. M., de Lima Argimon, I. I., & Irigaray, T. Q. (2017). Personality Factors in Adults and Elderly: A comparative study. *Avaliação Psicológica, 16*(3), 256-260. <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.11921>
- Hoyt, T., Wray, A. M., Wiggins, K. T., Gerstle, M., & Maclean, P. C. (2012). Personality profiles of intimate partner violence offenders with and without PTSD. *Journal of Offender Rehabilitation, 51*(4), 239-256. <https://doi.org/10.1080/10509674.2011.650349>

- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal terrorism and common couple violence: Two forms of violence against women. *Journal of Marriage and the Family*, 57(2), 283–294. <https://doi.org/10.2307/353683>
- Johnson, M.P., & Ferraro, K.J. (2000). Research on Domestic Violence in the 1990s: Making Distinctions. *Journal of Marriage and Family*, 62, 948-963. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00948.x>
- Krug E.G., Dahlberg, L.L., Mercy, J.A., Zwi, A.B., & Lozano, R. (Eds.). (2002). *World Report on Violence and Health*. World Health Organization.
- Lisboa, M., Vicente, L., Carmo, I., & Nóvoa, A. (2003). *Os Custos Sociais E Económicos Da Violência Contra As Mulheres*.  
<http://onvg.fcsh.unl.pt/images/stories/PDFs/livros/brochura%20custos.pdf>
- Lisboa, M., Barros, P., & Cerejo, S. (2008). Custos Sociais e Económicos da Violência Exercida Contra as Mulheres em Portugal: dinâmicas e processos socioculturais. *Atas do VI Congresso Português de Sociologia*. Associação Portuguesa de Sociologia.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2006). Cross-Cultural Perspectives on Adult Personality Trait Development. In D. K. Mroczek & T. D. Little (Eds.), *Handbook of Personality Development*, 129–145. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Moreira, P., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & da Silva, C. F. (2019). Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: the role of personality. *PeerJ*, 7, e6647. <https://doi.org/10.7717/peerj.6647>
- Pietri, M., & Bonnet, A. (2017). Analysis of early representations and personality among victims of domestic violence. *European Review of Applied Psychology / Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 67(4), 199–206.  
<https://doi.org/10.1016/j.erap.2017.04.001>
- Sistema de Segurança Interna (2020). *Relatório Anual de Segurança Interna 2020*.  
<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUABR26oAUAAAA%3d>
- Sijtsema, J. J., Baan, L., & Bogaerts, S. (2014). Associations between dysfunctional personality traits and intimate partner violence in perpetrators and victims. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(13), 2418-2438.  
<https://doi.org/10.1177/0886260513520228>

- Walker, L. E. A. (2009). *The Battered Women Syndrome* (3rd ed.). Springer Publishing Company.
- World Health Organization. (2002). *World Report on Violence and Health*. World Health Organization.  
[https://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)
- Yalch, M. M., Rickman, S. R., Good, E. W., & Levendosky, A. A. (2020). Influence of personality traits on college women's appraisals of intimate partner violence. *Journal of Trauma & Dissociation*, 1-11.  
<https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1760411>



1º Artigo

Violência Nas Relações De Intimidade: O Papel Da Personalidade – Uma Revisão  
Sistemática

Ana Vanessa Antunes Rebelo\*, Ana Cristina Neves, Iris Almeida, Ricardo Ventura  
Baúto & Catarina Ramos

Instituto Universitário Egas Moniz (Campus Universitário, Quinta da Granja, 2829-511  
Monte de Caparica, Almada)

[\\*ana.vanessa.antunes@gmail.com](mailto:ana.vanessa.antunes@gmail.com)

1

---

<sup>1</sup> Artigo submetido para publicação na Revista Interamericana de Psicologia, em sete de junho de 2021 e, aguarda revisão.



## **Violência Nas Relações De Intimidade: O Papel Da Personalidade – Uma Revisão Sistemática**

### **Resumo**

A presente revisão sistemática tem como finalidade identificar o conhecimento existente na literatura sobre o papel que a personalidade e respectivos traços têm na VRI. A análise efetuada permite verificar que são escassos os estudos que façam esta associação e que, a maioria, foca os traços de personalidade só nas vítimas ou só nos agressores e, numa perspectiva de perturbação. Os resultados revelam que o neuroticismo é o traço com maior impacto na VRI e que as personalidades *borderline* e antissocial são as que mais influência têm. Face a estas evidências, são necessários mais estudos que se centrem apenas na estrutura da personalidade, comparando entre vítimas e agressores e, a VRI. Igualmente surge a necessidade do desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção que tenham estes fatores em consideração.

*Palavras-chave:* violência nas relações de intimidade; traços de personalidade; perpetração; vitimação.

## **Intimate Partner Violence: The Role of Personality – A Systematic Review**

### **Abstract**

This systematic review aims to identify the knowledge checked in the literature about the role that personality, and its traits, have in the intimate partner violence. The present analyze revealed the lack of studies that make this association and, most of them, focus on personality traits only on the victims or only on the aggressors and, in a disorder perspective. The results show that neuroticism is the trait with the greatest impact on intimate partner violence and that the borderline and antisocial personalities are the most influential. Due to this evidences, further studies are needed, focusing on the personality structure and comparing between victims and aggressors, in the intimate partner violence dynamic. There is also a need to develop prevention and intervention programs considering these factors.

*Keywords:* intimate partner violence; personality traits; perpetration; victimization.

## Introdução

A VRI é um problema atual com elevado impacto na saúde pública, tratando-se de um fenómeno universal. Caracteriza-se pela existência de diferentes tipos de violência, como sendo a física, a psicológica e a sexual, que surgem dentro de uma relação íntima. Ocorre entre parceiros e ex-parceiros, em coabitação ou não, é independente do género e, pode ser bidirecional (ambos são agressores e vítimas). Face à intimidade vivenciada, bem como nível de comprometimento, a VRI torna-se uma oportunidade em termos de perpetração da violência e respetiva vitimação. Estima-se que 16% a 36% dos homens e 24% a 44% das mulheres tenham perpetrado violência física contra os parceiros e, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (2014), uma elevada percentagem de mulheres vítimas de violência, sofreram-no pelas mãos do parceiro. No que respeita à União Europeia, uma em cada cinco mulheres já foi vítima de algum tipo de violência pelo parceiro (Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016). Como referenciado por Cascardi et al., (2018), 20% a 30% de adolescentes e 29% de estudantes universitários perpetraram violência física num relacionamento íntimo (Hoyt et al., 2012), o que é indicador do quão cedo este fenómeno tem início e, da importância da prevenção e intervenção.

Associado à perpetração da VRI estão comportamentos agressivos. Alguns traços da personalidade são importantes preditores desse comportamento sendo já conhecida a relação entre a agressividade e a VRI (Ulloa et al., 2016). A personalidade contém características permanentes e estáticas que organizam o pensamento e as emoções e, os traços da personalidade são, tal como a psicopatologia, dos preditores mais robustos e consistentes da VRI (Lawson & Brossart, 2013; Moreira et al., 2019). Sendo já conhecido que os agressores são um grupo heterogéneo, tal como as vítimas, as características das suas personalidades poderão ajudar a explicar o envolvimento na VRI, bem como a reincidência e, o tipo e gravidade da mesma (Cascardi et al., 2018; Moreira et al., 2019).

A maioria dos artigos encontrados focam a personalidade e a VRI numa base de psicopatologia, isto é, através de perturbações da personalidade como sendo a *borderline* ou a antissocial. Verificou-se que são escassos os estudos que identifiquem e comparem traços de personalidade fundamentais, nas vítimas e nos agressores de VRI, mais especificamente num padrão relacional comum, e na eventual relação entre tipos de violência perpetrados (Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016).

## **A violência nas relações de intimidade**

A violência doméstica é definida como a violência ocorrida dentro de uma família independentemente do grau de parentesco (Moreira et al., 2019), e engloba a VRI.

A VRI é um fenómeno universal (Davoren et al., 2017; Moreira et al., 2019) e, é um problema grave de saúde pública (Ulloa et al., 2016). Ocorre entre os parceiros ou ex-parceiros (Davoren et al., 2017) de uma relação íntima, quer coabitem juntos ou não e, é independente do género (Moreira et al., 2019). A violência perpetrada é a violência física, a psicológica, a verbal e a sexual (Moreira et al., 2019; Yalch et al., 2020) e inclui lesões físicas e psicológicas, comportamentos de intimidação, perseguição e ameaças (Davoren et al., 2017).

A VRI tem elevada incidência contra mulheres e, segundo a Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, uma em cada cinco mulheres foi vítima de violência física e/ou sexual por um parceiro íntimo (Moreira et al., 2019). Uma revisão sistemática de 81 estudos provenientes de 41 países, constatou que 30% das mulheres com mais de 15 anos e que estão num relacionamento íntimo, sofreram VRI (Davoren et al., 2017). Como a maioria das vítimas de VRI não participa à polícia, acredita-se que o número de vítimas seja muito maior que os dados conhecidos (Davoren et al., 2017).

Os agressores de VRI são um grupo heterogéneo (Cascardi et al., 2018; Hoyt et al., 2012) que se envolve em várias agressões ao parceiro e que, frequentemente, reincidem (Cascardi et al., 2018) e, homens e mulheres estão em igual risco de vitimação de VRI (Davoren et al., 2017).

Os estudos iniciais focavam os homens enquanto agressores da VRI, como a maioria responsável por tal. Contudo, estudos mais recentes evidenciam simetrias de género, isto é, perpetração feminina idêntica, ou até superior, à masculina (Davoren et al., 2017; Dowgwillo et al., 2016).

Embora exista simetria na perpetração e motivo para a prática VRI entre homens e mulheres, os efeitos são assimétricos pois a violência perpetrada pelos homens costuma ser mais danosa e prejudicial (Dowgwillo et al., 2016) e, tem maior severidade e reincidência, que nas mulheres (Davoren et al., 2017; Dowgwillo et al., 2016). As mulheres são mais propensas do que os homens a sofrer violência sexual e a serem mortas por um parceiro masculino e, também, necessitam de mais cuidados médicos comparativamente aos homens. Em vítimas masculinas, a violência raramente é sexual, e na maioria dos casos o impacto físico é menos grave. Embora a maioria das vítimas de lesões físicas sejam mulheres, 38% das vítimas serão masculinas. Mulheres vítimas têm

taxas mais altas de depressão e de doenças sexualmente transmissíveis (como o HIV), mais abortos e, bebês com peso baixo à nascença. A VRI acarreta elevados custos económicos pois as vítimas utilizam mais os sistemas de saúde, incluindo situações e meios de urgência e emergência bem como os cuidados de saúde primários, quer sejam físicos quer mentais (Davoren et al., 2017).

A exposição a traumas na infância, nomeadamente de violência doméstica, é um preditor significativo da perpetração de VRI na adultícia sendo que homens com elevados níveis de violência relatam ter sofrido mais experiências traumáticas na infância (Hoyt et al., 2012). No entanto, os principais motivos para a perpetração da VRI são a defesa (para proteção e afastamento do parceiro), a retaliação (reconciliação com o parceiro porque foi provocado ou magoado emocionalmente) e, desregulação emocional (dificuldade de expressar pensamentos e sentimentos). Estes motivos são os mesmos quer os agressores sejam homens ou mulheres e, apesar da defesa ser designada como o principal motivador para a perpetração de VRI, é nas mulheres que assume mais destaque pois referem uma violência significativamente mais defensiva que os homens. Outros motivos da perpetração feminina de VRI são o controlo, o ciúme, e a perceção de “a fazer-se de difícil” (Dowgwillo et al., 2016).

Os estudos demonstram que na violência bidirecional, os relacionamentos são mutuamente violentos e, os indivíduos agem como agressores e como vítimas (Davoren et al., 2017).

Mulheres em relacionamentos com VRI bidirecional têm maiores taxas de perpetração geral, tanto em atos menores como mais graves, com taxas mais elevadas de agressão física e, coerção sexual, do que mulheres em VRI unidirecional. De referir que, 66% a 71,2% dos casais que referem práticas de VRI reportam-na como mútua, ou seja, caracterizada por mais perpetração e vitimação do que em relacionamentos onde a VRI não é bidirecional. Importa referir que indivíduos propensos à agressão têm tendência a atrair-se mutuamente (corroborado pela teoria do *assortative mating*), o que pode justificar a elevada bidirecionalidade da VRI (Dowgwillo et al., 2016).

A VRI tem um efeito stressor traumático e provoca angústia nas vítimas, estando associada a muitas formas de sofrimento psíquico (Yalch et al., 2020) como sendo depressão, ansiedade, sintomas de Perturbação de Stress Pós-Traumático e, tentativas de suicídio (Cascardi et al., 2018; Davoren et al., 2017). As consequências psicológicas são negativas e evidenciam um maior risco de psicopatologia (Moreira et al., 2019).

Os fatores de risco mais estudados para a perpetração de VRI são as experiências adversas vividas na infância, como testemunhar ou sofrer violência familiar e, está associado a maior perpetração e vitimação na adultícia (Hoyt et al., 2012).

### **A violência nas relações de intimidade e a personalidade**

A personalidade de um indivíduo é um forte preditor de saúde mental, é um antecedente causal de perturbações mentais e, influencia a relação entre a VRI e o ajustamento psicossocial (Moreira et al., 2019).

Os traços de personalidade podem influenciar as emoções e cognições predispondo para comportamentos agressivos de VRI (Cascardi et al., 2018) e, são dos preditores mais fortes e consistentes da perpetração de VRI (Lawson & Brossart, 2013). Alguns estudos sugerem que os traços de personalidade preditores de VRI são diferentes entre homens e mulheres, mas são ainda escassas as evidências (Dowgwillo et al., 2016). Na vitimação, e embora com pouca evidência científica que suporte esta associação, verifica-se que o tipo e gravidade dos efeitos psicológicos negativos da VRI podem depender da personalidade da vítima (Moreira et al., 2019).

Segundo o modelo psicobiológico da personalidade, a personalidade tem duas grandes dimensões: o temperamento que consiste na tendência estável para responder a estímulos emocionais básicos (como o perigo) de forma automática e habitual e, o carácter que consiste em processos cognitivos de autorregulação (envolve objetivos e valores). Estas dimensões da personalidade, nas vítimas, estão ligadas a reincidência e desempenham um papel importante, especificamente no envolvimento em situações abusivas, escolha de estratégias de enfrentamento e, psicopatologia (Moreira et al., 2019).

A maioria da literatura sobre a personalidade centra-se no modelo dos cinco grandes traços de personalidade, conhecido como *Big Five*: a extroversão (procura de estímulos, sociabilidade), o neuroticismo (instabilidade emocional, emoções negativas como raiva ou ansiedade), a abertura à experiência (criatividade, indivíduos mais tradicionais ou mais abertos a novas ideias), a amabilidade (indivíduo mais ou menos empático, cooperante) e a conscienciosidade (maior responsabilidade e organização, a noção do certo e errado) (Ulloa et al., 2016). A amabilidade e a extroversão são características interpessoais e, a conscienciosidade, o neuroticismo e, a abertura à experiência são características afetivas (Yalch et al., 2020).

O neuroticismo, tanto nos agressores como nas vítimas, é o principal preditor da agressão na VRI (Moreira et al., 2019). A abertura à experiência, a extroversão e o

neuroticismo são os três fatores de risco mais prementes na perpetração e vitimação da VRI, pelo que é importante identificar os traços fundamentais da personalidade, quer da vítima quer do agressor (Ulloa et al., 2016).

Os traços de personalidade neuroticismo e amabilidade estão associados a comportamentos agressivos que, por sua vez, estão também associados à VRI. Indivíduos com valores elevados em neuroticismo, e, baixo valor em amabilidade e conscienciosidade têm maior perpetração de VRI. A maioria da literatura associa valores elevados em neuroticismo e reduzida amabilidade à perpetração de VRI, independentemente do sexo (Dowgwillo et al., 2016; Ulloa et al., 2016). Todavia, os outros três traços de personalidade e a relação com a perpetração de VRI é inconclusiva. No que respeita à vitimação, alguns estudos demonstram uma associação negativa entre a abertura à experiência e a VRI, no caso dos homens e, no caso de mulheres, associações entre elevada conscienciosidade, elevada extroversão e reduzida amabilidade, bem como elevado neuroticismo e a VRI (Ulloa et al., 2016). O neuroticismo é o principal preditor precipitante de VRI tanto em vítimas como em agressores (Moreira et al., 2019).

Os traços e características de personalidade podem ser disfuncionais e causarem perturbações da personalidade que, por sua vez, estão associadas à VRI (Davoren et al., 2017).

Algumas características de personalidade como dominância, impulsividade, agressão e hostilidade estão relacionadas com a VRI, pelo que estilos de personalidade marcados por estes traços tendem a manifestar mais comportamentos agressivos (Dowgwillo et al., 2016). Os homens perpetradores de VRI evidenciam mais características de personalidade *borderline* e antissocial que os não perpetradores (Lawson & Brossart, 2013). No caso das mulheres, a perpetração é mais situacional e menos associada a traços ou características da personalidade (Ulloa et al., 2016). A perturbação da ansiedade está também associada à perpetração da VRI, com taxas de ansiedade de 21% nas mulheres e 29% nos homens, bem como a Perturbação de Stress Pós-Traumático está associada à perpetração e à vitimação (Davoren et al., 2017).

Entre as características de personalidade identificadas em diversos estudos e, consistentemente associadas a agressores de VRI, estão a alienação interpessoal, irritabilidade, depressão, paranoia e, relacionamentos instáveis (Hoyt et al., 2012). Alguns estudos também sugerem que os traços da personalidade podem ser importantes em termos de reincidência e gravidade da VRI (Cascardi et al., 2018).

O objetivo da presente revisão sistemática visa compreender como os traços da personalidade estão associados à perpetração e vitimação de VRI. De igual modo, pretende-se verificar se determinados traços de personalidade têm influência nos diferentes tipos de violência perpetrada e sofrida. Face à reduzida informação existente sobre este tema, será feita uma abordagem exploratória, com o intuito de reunir a informação disponível. A presente revisão assume maior pertinência pois a pesquisa efetuada nas plataformas Prospero e Cochrane Library, não revelou qualquer revisão sistemática que identifique a estrutura da personalidade, quer do agressor quer da vítima, na VRI.

## **Método**

### **Estratégias da pesquisa**

Foram feitas várias pesquisas na base de dados referencial B-ON (e.g., contempla bases como a Academic Search Complete e, a Scopus) bem como bases de dados de acesso integral nomeadamente a Medline, a PubMed, a Scielo e, a PsycInfo. O resultado desta pesquisa transversal foi de 2224 artigos. Face à repetição dos artigos nas diferentes bases de consulta, foi selecionada a B-ON para o processo de seleção final de estudos, recorrendo a três equações de pesquisa:

a) “*Domestic violence or domestic abuse or intimate partner violence*” and “*personality*” da qual resultou 294 artigos. Foram aplicados os critérios de inclusão mencionados e os filtros *personality* e, *intimate partner violence* tendo resultado em 33 artigos;

b) “*intimate partner violence*” and “*personality*” da qual resultou 220 artigos. Com a aplicação dos critérios de inclusão e do filtro *personality*, obtiveram-se 38 artigos;

c) “*intimate partner violence*” and “*personality traits*”, da qual resultou 35 artigos e, com aplicação dos critérios de inclusão, obteve-se 34 artigos.

### **Critérios de seleção de artigos e extração de dados**

Estas equações foram colocadas na pesquisa no campo “título” e foram obtidos 548 artigos como resultado inicial. Não foi definido um período temporal e foram aplicados os critérios de inclusão de revisão pelos pares e, de publicação em revistas académicas, e resultou em 105 artigos. Destes 105 artigos, aplicaram-se os seguintes critérios de exclusão: artigos repetidos (mesmo artigo em diferentes revistas ou bases) e, artigos sem acesso ou não disponibilizados pelos autores. Obtiveram-se 56 artigos e, para o número

final de artigos a incluir na presente revisão sistemática (oito), selecionaram-se artigos que fossem comuns às duas e/ou três equações de pesquisa e, que fossem estudos quantitativos.

O total de artigos incluídos provêm de estudos muito recentes, sendo o mais antigo de 2012 e o mais recente de 2020. Em termos de distribuição geográfica, 75% dos estudos são provenientes dos Estados Unidos da América e 25% são europeus (um de Portugal e um da Grã-Bretanha). A amostra total é composta por 27154 participantes sendo o estudo de Davoren et al. (2017) o que tem maior número de participantes (15973) e o de Hoyt et al. (2012) o que tem menor (78). No que respeita à idade dos participantes, o único estudo que tem participantes a partir dos 16 anos é o de Davoren et al. (2017). Nos restantes estudos a amostra é composta por adultos maiores de 18 anos, embora no estudo de Dowgwilllo et al. (2016) não seja especificamente referido qual a idade dos participantes, ou média da mesma e, nos estudos de Hoyt et al. (2012) e de Moreira et al. (2019) seja referido apenas a média ( $M = 30.4$  e  $M = 39.3$  respetivamente).

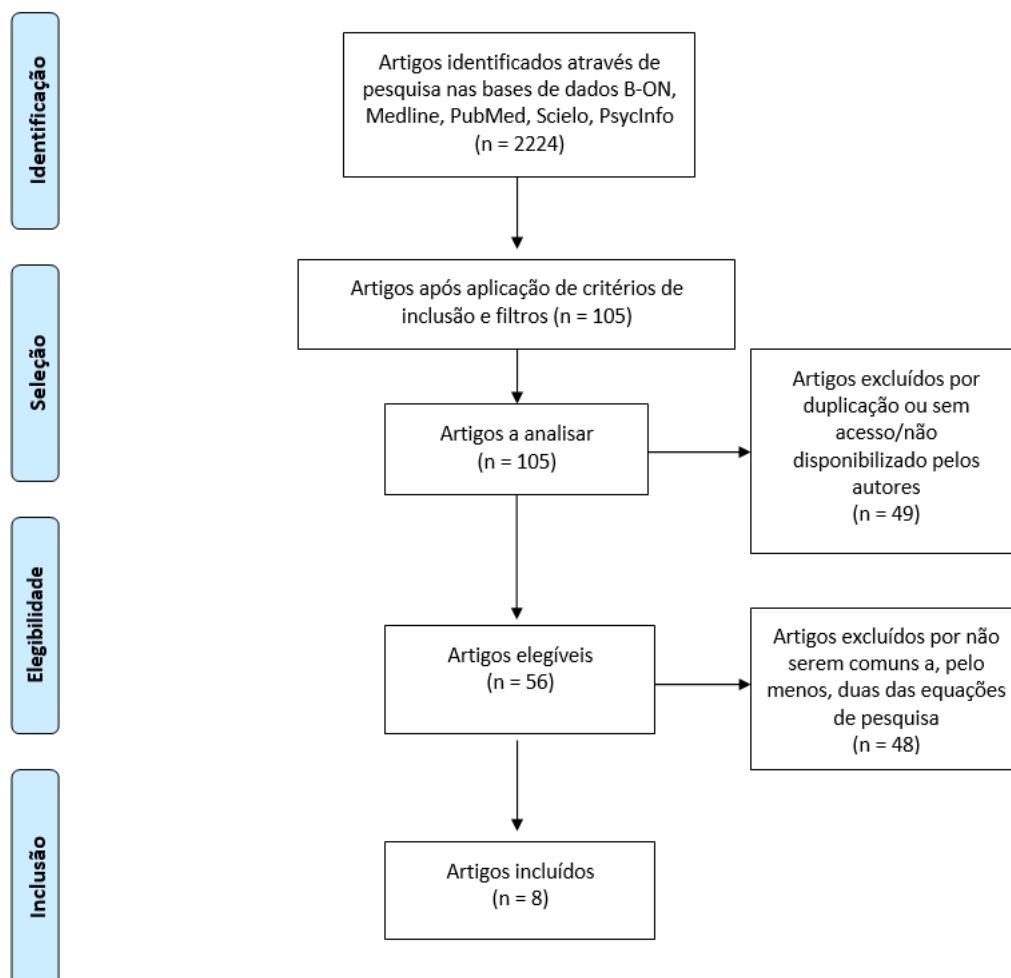


Figura 1. Estratégia de pesquisa. Fonte: PRISMA Flow diagram.

## **Resultados**

Constatou-se que, com base nas diferentes pesquisas efetuadas e descritas no método, existem apenas dois estudos que abordam exclusivamente os traços de personalidade, enquanto estrutura, e a perpetração ou vitimação da VRI, e, seis estudos que relacionam os traços de personalidade, as perturbações de personalidade *borderline* e a antissocial e, características inerentes a estas perturbações (e.g., agressividade) bem como a avaliação que vítimas e agressores fazem.

O estudo de Ulloa et al. (2016), evidenciou que entre homens e mulheres, os domínios da personalidade abertura à experiência e neuroticismo estavam positivamente relacionados com a perpetração de VRI e, o neuroticismo positivamente relacionado com a vitimação de VRI. No caso dos homens, foram verificadas associações significativas entre abertura à experiência e neuroticismo e a perpetração de VRI; na vitimação, foi evidenciada uma associação entre pontuação elevada em neuroticismo e elevada VRI. No que respeita às mulheres, verificaram-se associações significativas entre a abertura à experiência, a extroversão e o neuroticismo e a perpetração de VRI, ou seja, valores mais altos nestes fatores corresponderam a um valor mais alto de perpetração de VRI; a extroversão e o neuroticismo relacionaram-se com uma maior vitimação de VRI. Ainda, e apenas nas mulheres, ter pontuação elevada no domínio extroversão foi considerado como um preditor significativo adicional tanto para perpetração, como para vitimação de VRI. Moreira et al. (2019) confirma o neuroticismo como uma característica nas vítimas de VRI.

Yalch et al. (2020) pretenderam verificar a influência dos traços de personalidade na avaliação que as vítimas fazem da VRI. Os resultados sugeriram que, para a avaliação das mulheres sobre a VRI, o preditor mais consistente era a severidade da violência sofrida, e evidenciaram também alguma influência dos traços de personalidade, nomeadamente a amabilidade, a extroversão e o neuroticismo. Igualmente evidenciaram que mais amabilidade estava associado a uma avaliação menos zangada das vítimas de VRI e que elevada extroversão estava associada a avaliações mais receosas. O neuroticismo foi o preditor mais consistente das avaliações das vítimas de VRI e mais associado às respostas pós-traumáticas mais severas. No seu estudo, concluíram que os traços de neuroticismo e extroversão se sobrepunham à natureza afetiva das avaliações feitas pelas mulheres vítimas de VRI.

No que respeita ao estudo efetuado por Cascardi et al. (2018), verificou-se que quem perpetrava VRI de forma mais moderada ou severa, apresentava mais traços de

agressividade, bem como ausência de remorsos que, por sua vez, aumenta a probabilidade de perpetração de VRI. Verificaram também que a impulsividade estava relacionada tanto com ameaças como com agressões físicas contra o parceiro. Estes resultados evidenciam que determinadas características da personalidade, como a agressividade e a impulsividade, estão relacionadas com a perpetração de diferentes tipos de VRI, como sendo a psicológica e a física.

Dowgwillo et al. (2016) obtiveram resultados também coerentes com a literatura: relação entre o elevado neuroticismo e baixa amabilidade e a perpetração de VRI. Todavia, a baixa amabilidade é associada a agressão física, psicológica e sexual, mas apenas em mulheres, não se evidenciando esta relação nos homens. Identificaram o neuroticismo como especificamente relacionado com a raiva e hostilidade que estão, normalmente, associadas à agressão.

Davoren et al. (2017) estudaram a perturbação da ansiedade e eventual perturbação *borderline* e a VRI. O estudo foi realizado no Reino Unido e 1.6% da amostra admitiu ter, nos últimos cinco anos, perpetrado VRI, com maioria das mulheres a admitir, contrariando a visão feminista. Os resultados demonstraram uma associação significativa entre a perturbação da ansiedade e a VRI, maioritariamente em homens, e quem tinha traços de personalidade *borderline* contribuía mais para esta associação, seguido de quem tinha traços de personalidade antissocial.

Tabela 1. *Resumo das características dos estudos*

Autores	País	Amostra <i>n</i>	Instrumentos	Principais Resultados
Cascardi et al. (2018)	Estados Unidos América	500 estudantes universitários entre os 18 e os 19 anos (328 mulheres; 172 homens)	AQ – Agression Questionnaire IPAS – Impulsive/Premeditated Agression Scale CADRI – The Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory CTS2 – Revised Conflict Tactics Scale	A agressão premeditada não estava associada à gravidade da VRI. Comportamento emocionalmente abusivo e controlador e o estilo interpessoal hostil e dominante diferiram nos grupos de VRI moderada e severa.

Autores	País	Amostra <i>n</i>	Método - Avaliação	Principais Resultados
		497 estudantes universitários entre os 18 e os 21 anos (318 mulheres; 179 homens)	AQ – Agression Questionnaire CADRI – The Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory CTS2 – Revised Conflict Tactics Scale IIP – Inventory of Interpersonal Problems	Indivíduos com comportamentos de controlo e tendências agressivas perpetraram VRI moderada e severa o que sugere que a predisposição para a agressão e para o controlo coercivo podem precipitar a VRI.
Davoren et al. (2017)	Grã-Bretanha	15973 com mais de 16 anos (8397 mulheres; 7576 homens)	CIS-R – Clinical Interview Schedule-revised ICD-10 – International Classification of Diseases PSQ – Psychoses Screening Questionnaire SADQ-C – Severity of Alcohol Dependence Questionnaire DIS – Diagnostic Interview Schedule	Mulheres com significativamente maior probabilidade de admitir a perpetração de VRI. Perturbações da Ansiedade associadas a perpetração de VRI. As perturbações de Ansiedade e a associação com a VRI, tem um contributo significativo em condições coexistentes como a dependência de álcool, a perturbação <i>borderline</i> , e, a antissocial, da personalidade.
Dowgwillo et al. (2016)	Estados Unidos América	2446 estudantes universitários (54,7% mulheres; 45,1% homens; 0,1% outro)	CTS2 – Revised Conflict Tactics Scale PID-5 – Personality Inventory for the DSM-V	As facetas e domínios da personalidade, diferiam na associação à VRI, com uma variação significativa entre homens e mulheres. A violência era usada como estratégia para lidar com o conflito. Associação entre o neuroticismo, baixa amabilidade, perturbação antissocial da personalidade e a VRI.

Autores	País	Amostra <i>n</i>	Método - Avaliação	Principais Resultados
Hoyt et al. (2012)	Estados Unidos América	78 homens (frequência de programas de intervenção a agressores de VRI, por decisão judicial)	LEQ – Traumatic Life Events Questionnaire PSDS – Posttraumatic Stress Diagnostic Scale CTS2 – Revised Conflict Tactics Scale MCMI-III – Millon Clinical Multiaxial Inventory PAI – Personality Assessment Inventory	Mais de um quarto dos agressores de VRI cumpriram critérios da Perturbação de Stress Pós-traumático, apresentando sintomatologia, o que significa que a exposição a traumas é um indicador de maior probabilidade de perpetração de VRI.
Lawson & Brossart (2013)	Estados Unidos América	132 homens entre os 18 e 67 anos (agressores de VRI em liberdade condicional)	AAS – Adult Attachment Scale MCTS – Modified Conflict Tactics Scale IIP-SC – Interpersonal Problems-Short Circumplex MCMI-III – Millon Clinical Multiaxial Inventory	Parceiros agressores (homens) com vinculação evitante e ansiosa, com maior probabilidade de conflitos que envolvam agressão física. Associado a estilos de personalidade caracterizados por elevado controlo, vingança e agressão, como sendo o estilo interpessoal hostil e dominante.
Moreira et al. (2019)	Portugal	100 mulheres (50 experimental - vítimas de VRI e, 50 grupo controlo - não vítimas de VRI)	TCI-R – Temperament and Character Inventory-Revised BSI – Brief Symptom Inventory	As mulheres vítimas de VRI apresentavam diferenças significativas no carácter e comportamento. As vítimas também apresentavam dimensões de personalidade distintivamente associadas a sintomas psicopatológicos. Neuroticismo presente nas vítimas de VRI.
Ulloa et al. (2016)	Estados Unidos América	7187 participantes entre os 25 e os 34 anos (4311 mulheres; 2876 homens)	Mini-IPIP – Mini-International Personality Item Pool CTS – Conflict Tactics Scale	Os domínios da personalidade abertura à experiência, extroversão e neuroticismo identificados como os três fatores de risco

Autores	País	Amostra <i>n</i>	Método - Avaliação	Principais Resultados
				mais importantes associados à VRI.
Yalch et al. (2020)	Estados Unidos América	241 mulheres entre os 18 e os 26 anos	SVAWS – Severity of Violence Against Women Scales TAQ – Trauma Appraisal Questionnaire IPIP – International Personality Item Pool	O resultado estatístico mais significativo, nas avaliações das vítimas de VRI, foi a severidade da VRI sofrida. Amabilidade com associação negativa com uma avaliação de raiva; extroversão com associação positiva com uma avaliação de medo; neuroticismo com associação positiva com uma avaliação de alienação e autculpabilização.

## **Discussão**

Esta revisão sistemática de literatura permitiu analisar a informação disponível sobre os traços de personalidade e o seu papel na VRI. O total dos artigos incluídos permitiu uma abordagem completa, em termos de enquadramento teórico, quer ao fenómeno da VRI, quer à personalidade, traços, características e, perturbações. Apesar de as equações de pesquisa não mencionarem psicopatologia ou perturbações de personalidade, os resultados demonstram que abordar o tema da VRI e da personalidade, implica não só falar dos traços puros e o seu impacto, mas também falar da disfuncionalidade desses traços e consequente perturbação.

Os principais resultados permitiram verificar a associação entre o neuroticismo e a perpetração e vitimação de VRI, ou seja, indivíduos com elevado neuroticismo caracterizam-se por serem preocupados, nervosos e emocionalmente inseguros e, estão relacionados com mais eventos de VRI (Dowgwillo et al., 2016; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016; Yalch et al., 2020). Igualmente surge a relação entre a extroversão e a perpetração e vitimação de VRI, o que levanta questões como o facto de indivíduos mais sociáveis, ativos, otimistas e afetuosos poderem ser agressores e/ou vítimas e manterem este comportamento violento bem como mantê-lo em silêncio (Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016; Yalch et al., 2020). Estas evidências demonstram que tanto as características

interpessoais como as características afetivas da estrutura da personalidade têm efeito nas dinâmicas da VRI, o que sugere um processo complexo e, conseqüentemente, com maior dificuldade na sua explicação, prevenção e redução.

Face a estas evidências, e sabendo que o traço do neuroticismo está associado a indivíduos com baixa tolerância à frustração, estratégias de coping pouco adaptativas, bem como ter intrínsecas facetas de ansiedade, hostilidade e impulsividade, facilmente se percebe a relevância da associação com perturbações de personalidade que envolvam estas características. Efetivamente as perturbações *borderline* e antissocial da personalidade, que se caracterizam por comportamentos agressivos, impulsivos, dificuldades de autocontrolo e, elevada ansiedade, estão, tal como a literatura corrobora, associadas à VRI, à severidade da mesma e, à probabilidade de reincidência (Cascardi et al., 2018; Davoren et al., 2017; Dowgwillo et al., 2016).

Os tipos de violência mais abordados nos artigos, em termos de resultados, são a violência física e psicológica, ambas associadas a agressores com características de agressividade e impulsividade (Cascardi et al., 2018). De notar que, embora a violência sexual seja confirmada pela literatura (Moreira et al., 2019; Yalch et al., 2020), os resultados dos estudos analisados não especificam este tipo de violência, o que poderá minimizar o seu impacto e gravidade.

No decorrer desta revisão, confirmou-se uma associação entre a personalidade - quer nos seus traços estruturais quer na disfuncionalidade dos mesmos - e a VRI. Assim, importa desenvolver mais investigações que possam enriquecer o conhecimento do papel que os traços de personalidade têm, pois é possível confirmar, em todos os artigos analisados, que efetivamente existe uma relação entre este constructo e a VRI, quer nos agressores quer nas vítimas. Face ao exposto e, atendendo ao impacto que a VRI tem na saúde pública, bem como o seu caráter universal (Davoren et al., 2017; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016), é importante ter estes aspetos em consideração quando se desenvolvem programas de prevenção e intervenção que sejam direcionados tanto para agressores (que possuem comportamentos hostis e agressivos) como para vítimas (que selecionam parceiros agressores e têm maior probabilidade de revitimação).

Importa também perceber o papel do género, uma vez que estudos mais recentes contrariam a visão feminista e defendem que a perpetração é idêntica em homens e mulheres, para melhor adequação interventiva, tendo em conta os papéis sociais e tradicionais normalmente inerentes a cada um (Davoren et al., 2017; Dowgwillo et al., 2016).

O facto de existirem poucos estudos somente com a ligação entre traços de personalidade normativos e a VRI, é uma das limitações desta revisão tal como o facto de não ter sido avaliada a qualidade dos artigos incluídos e, terem sido excluídos estudos não publicados.

## Referências

- Cascardi, M., Chesin, M., & Kammen, M. (2018). Personality correlates of intimate partner violence subtypes: A latent class analysis. *Aggressive Behavior*, 44(4), 348–361. <https://doi.org/10.1002/ab.21756>
- Davoren, M., Kallis, C., González, R. A., Freestone, M., & Coid, J. W. (2017). Anxiety disorders and intimate partner violence: can the association be explained by coexisting conditions or borderline personality traits?. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 28(5), 639-658. <https://doi.org/10.1080/14789949.2016.1172659>
- Dowgwillo, E. A., Ménard, K. S., Krueger, R. F., & Pincus, A. L. (2016). DSM-5 pathological personality traits and intimate partner violence among male and female college students. *Violence and Victims*, 31(3), 416-437. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00109>
- Hoyt, T., Wray, A. M., Wiggins, K. T., Gerstle, M., & Maclean, P. C. (2012). Personality profiles of intimate partner violence offenders with and without PTSD. *Journal of Offender Rehabilitation*, 51(4), 239-256. <https://doi.org/10.1080/10509674.2011.650349>
- Lawson, D. M., & Brossart, D. F. (2013). Interpersonal problems and personality features as mediators between attachment and intimate partner violence. *Violence and Victims*, 28(3), 414-428. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00031>
- Moreira, P., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & da Silva, C. F. (2019). Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: the role of personality. *Peer J*, 7, e6647. <https://doi.org/10.7717/peerj.6647>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J., & Moher, D. (2021). Updating guidance for reporting systematic reviews: development of the PRISMA 2020 statement. *Journal of Clinical Epidemiology*, 134, 103-112. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2021.02.003>
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Leon Aramburo, L. F. (2016). The Big Five Personality Traits and Intimate Partner Violence: Findings from a Large, Nationally Representative Sample. *Violence and Victims*, 31(6), 1100–1115. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055>
- Yalch, M. M., Rickman, S. R., Good, E. W., & Levendosky, A. A. (2020). Influence of personality traits on college women's appraisals of intimate partner

violence. *Journal of Trauma & Dissociation*, 1-11.

<https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1760411>

2º Artigo

Estudo Sobre A Relação Entre A Personalidade De Vítimas E De Agressores Na  
Violência Nas Relações De Intimidade

Ana Vanessa Antunes Rebelo\*, Ana Cristina Neves, Iris Almeida & Ricardo Ventura

Baúto

Instituto Universitário Egas Moniz (Campus Universitário, Quinta da Granja, 2829-511

Monte de Caparica, Almada)

[\\*ana.vanessa.antunes@gmail.com](mailto:ana.vanessa.antunes@gmail.com)



## Resumo

A VRI é uma problemática a nível mundial, com várias implicações para a vítima, para a sociedade e, para a saúde pública em geral. Face à elevada prevalência dos diferentes tipos de violência, nomeadamente a física e, a psicológica, importa compreender o comportamento humano na sua base, através da personalidade. Este estudo pretende analisar a relação entre a personalidade do agressor e respetiva vítima e, verificar se existe alguma ligação entre a personalidade e o tipo de maus tratos perpetrados. A amostra é composta por 32 casais heterossexuais, tendo os agressores idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos ( $M = 44.00$ ;  $DP = 10.75$ ), e, as vítimas, entre os 18 e os 60 anos ( $M = 40.69$ ;  $DP = 11.57$ ). A maioria dos agressores são do sexo masculino (93.8%). Os dados foram recolhidos através de análise processual. Os resultados evidenciaram uma relação entre o domínio da conscienciosidade do agressor e o da amabilidade da respetiva vítima e, também, uma relação entre a amabilidade do agressor e a perpetração de maus tratos emocionais e físicos relatados pela vítima. Estes dados poderão ser uma base para novos estudos que confirmem estes resultados e possam contribuir para a redução da prevalência da VRI.

*Palavras-chave:* violência nas relações de intimidade; traços de personalidade; agressores; vítimas.

### **Abstract**

Intimate partner violence is a worldwide problem, with several implications for the victim, for society and for public health in general. Given the high prevalence of different types of violence, namely physical and psychological, it is important to understand human behavior at its base, through personality. This study aims to analyze the relationship between the aggressor's personality the respective victim, as well as verifying if there is any connection between the personality and the type of maltreatment perpetrated. The sample is composed of 32 heterosexual couples, with the aggressors aged between 18 and 59 years ( $M = 44.00$ ;  $SD = 10.75$ ), and the victims between 18 and 60 years ( $M = 40.69$ ;  $SD = 11.57$ ). Most aggressors are male (93.8%). Data were collected through procedural analysis. The results showed a relationship between the aggressor's conscientiousness dimension and the respective victim's agreeableness dimension, and also a relationship between the aggressor's agreeableness and the perpetration of emotional and physical maltreatment related by the victim. These data may be the basis for further studies that confirm these results and may contribute to reducing the prevalence of intimate partner violence.

*Keywords:* violence in intimate relationships; personality; perpetration; victimization.

## **Introdução**

### **A violência nas relações de intimidade**

A Organização Mundial de Saúde [OMS] descreve a violência como sendo “o uso intencional da força física ou poder, ameaça ou real, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação” (WHO, 2014, p.2). Algumas formas de violência são mais visíveis que outras, (e.g., terrorismo e guerras, amplamente difundidos pelos órgãos de comunicação social), no entanto, a violência que ocorre em privado, tem tanto ou mais impacto que a violência mais mediatizada e, afeta pessoas vulneráveis quer pela idade, quer pelo género, ou qualquer condição física e/ou mental. Este tipo de violência está enraizado em muitas famílias, comunidades e culturas, sendo a violência doméstica (VD) a mais comum (WHO, 2002).

A VD está identificada como crime e, um dos tipos de violência doméstica mais abordado na literatura é a violência conjugal, definida como a VRI, praticada entre parceiros íntimos ou com ex-parceiros, podendo abranger abusos psicológicos, emocionais, físicos, sexuais, perseguição ou comportamentos controladores (Day et. al., 2003; Dias, 2010).

Afeta diferentes tipos de sujeitos a vários níveis e, este tipo de violência foi um assunto tabu durante muitos anos. A partir da década de 90, começou a ser objeto de estudo das ciências sociais e humanas, trazendo assim à superfície realidades diferentes (Minayo & Souza, 1993; Lourenço & Carvalho, 2001), mas comuns ainda hoje, no nosso dia a dia. Em 1998, a Organização Mundial de Saúde declarou a violência doméstica como um problema de saúde pública de primeira importância e, conseqüentemente, uma prioridade internacional para os serviços de saúde (Alonso et al., 2006). A OMS tem tido um papel importante na sensibilização dos países e respetivos governos para esta temática, elaborando relatórios que visam contribuir para o esclarecimento e para a redução dos elevados números associados à VD (WHO, 2002).

A maioria das pessoas vítimas de violência doméstica e conjugal são do sexo feminino, todavia pode ocorrer também no sexo masculino e, tanto em casais heterossexuais como homossexuais (Deslandes et al., 2000; Santos, 2012). Dada a prevalência das vítimas (mulheres), a literatura refere que a violência contra a mulher é definida como todos os atos de violência de género que resultem ou possam levar a malefícios como o sofrimento físico, psicológico ou sexual (WHO, 1997). As ameaças, a

opressão ou a privação da liberdade do indivíduo, seja na vida pública seja na privada, é considerado violência contra a mulher (Dantas-Berger & Giffin, 2005; Deslandes et al., 2000; Ventura et al., 2013).

No relatório anual de segurança interna de Portugal (RASI) de 2020 verifica-se que 85% do total de crimes de VD, respeita a VRI. Do total das vítimas, 75% são mulheres e, a maioria (74%), com idade superior a 25 anos.

Não sendo a VRI algo inevitável, os serviços básicos e primários de saúde, bem como instituições que trabalhem nesta área, têm um papel de extrema importância na identificação de casos e, poderão contribuir para a prevenção da violência e a minimização do respetivo impacto. Sendo a personalidade um dos fatores individuais explicativos, a devida referenciação de situações de VRI, poderá permitir uma avaliação mais precoce e que possa evitar a perpetração dos maus tratos, quer identificando fatores de risco quer fatores de vulnerabilidade.

Após uma revisão de literatura sobre o tema da personalidade e a respetiva influência na VRI, verificou-se que a maioria dos estudos encontrados, analisam, por exemplo, separadamente a personalidade do agressor e a personalidade da vítima e não uma eventual ligação entre os traços de ambos. Não obstante, são escassos os que incidem nos traços de personalidade pois, a maioria dos resultados obtidos na pesquisa, tinham como foco perturbações da personalidade e a relação com a VRI.

## **Personalidade**

A personalidade tem sido estudada ao longo dos anos, como forma de conhecer e compreender os indivíduos bem como prever comportamentos. O conceito de personalidade, enquanto estrutura, é estável e permanente a partir da adultícia e, é composto por traços representativos de pensamentos, sentimentos e comportamentos face a uma mesma situação, que se encontram organizados. Atualmente, existe consenso na comunidade científica quanto às principais dimensões da personalidade, que originaram o modelo dos cinco fatores, comumente designado por *Big Five* (Costa & McCrae, 1992).

O NEO-PI-R surge como um instrumento que permite avaliar e identificar os cinco domínios da personalidade (também mencionados como dimensões ou traços da personalidade), identificados no *Big Five*: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade. Cada uma destas dimensões é composta por 6 facetas que, conjuntamente, definem a maior ou menor presença do traço na

estrutura da personalidade. O neuroticismo é caracterizado por capacidades de adaptação ou por instabilidade emocional, consoante a pontuação obtida, e poderá indiciar uma tendência para sentir afetos negativos. A extroversão avalia as interações e características interpessoais, a atividade e necessidade de estímulo e está ligada a emoções positivas. A abertura à experiência é caracterizada por uma curiosidade em relação a si próprio e ao mundo, por uma procura e valorização de experiências bem como pela experiência variada de emoções, sejam negativas ou positivas. A amabilidade também respeita a características interpessoais e avalia a qualidade da orientação, que pode ir desde a compaixão à hostilidade, ou seja, polos opostos. A conscienciosidade avalia a organização, persistência e motivação para um determinado objetivo (Costa & McCrae, 2000).

A amabilidade e a extroversão são características interpessoais e, a conscienciosidade, o neuroticismo e, a abertura à experiência são características afetivas (Yalch et al., 2020).

Abordando em detalhe as facetas que compõem cada domínio, o neuroticismo é composto pelas facetas de ansiedade, hostilidade, depressão, autoconsciência, impulsividade e, vulnerabilidade; a extroversão contém as facetas de acolhimento caloroso, gregariedade, assertividade, atividade, procura de excitação e, emoções positivas; a abertura à experiência engloba as facetas da fantasia, estética, sentimentos, ações, ideias e, valores; a amabilidade é composta pelas facetas da confiança, retidão, altruísmo, complacência, modéstia e, sensibilidade; a conscienciosidade contém as facetas da competência, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e, deliberação (Costa & McCrae, 2000).

Na análise da literatura, verifica-se que o neuroticismo é o domínio que surge mais frequentemente tanto em agressores como em vítimas, sendo considerado o principal preditor. Surgem também associações entre baixa amabilidade e baixa conscienciosidade e a perpetração de maus tratos (Dowgwillo et al., 2016; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016). Considerando que as características principais dos domínios do neuroticismo (pontuação elevada) e amabilidade (baixa pontuação) são a impulsividade, o reduzido autocontrolo, a hostilidade, a instabilidade emocional, a manipulação, o egocentrismo, a desconfiança e, a reduzida tolerância à frustração, estão associadas a situações de violência, é legítimo depreender que, sujeitos com estes traços fundamentais na personalidade, possam apresentar maior probabilidade de perpetração de maus tratos e possam ter influência no tipo de maus tratos praticados.

Apesar dos estudos encontrados analisarem a personalidade de agressores ou vítimas (mesmo que isoladamente) e identificarem domínios mais comuns, na realidade a informação é escassa e não foi encontrada evidência da existência de ligação entre a personalidade do agressor e da respectiva vítima ou o a personalidade e o tipo de violência perpetrada/sofrida.

Assim, os objetivos do presente estudo são identificar, num casal, se existe uma relação entre os traços de personalidade do agressor e da respectiva vítima e, analisar se existe relação entre estes traços e o tipo de violência perpetrada/sofrida.

## Método

### Participantes

A amostra do presente estudo é composta por 32 casais heterossexuais com processos de queixa de VD. Os agressores têm idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos ( $M = 44.00$ ;  $DP = 10.75$ ) e, as respetivas vítimas, têm idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos ( $M = 40.69$ ;  $DP = 11.57$ ). A maioria dos agressores são do sexo masculino (93.8%) e, apenas, dois agressores são do sexo feminino (6.3%).

**Tabela 1**  
*Caracterização da amostra*

	<i>N</i>	<i>%</i>		<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Sexo Agressor</b>	30	93.8	<b>Estado Civil Vítima</b>		
Masculino	2	6.3	Solteiro	9	28.1
Feminino			Casado	11	34.4
			União de Facto	2	6.3
			Divorciado	8	25.0
			Separado	2	6.3
<b>Sexo Vítima</b>			<b>Estado Profissional Agressor</b>		
Masculino	2	6.3	Empregado	29	90.6
Feminino	30	93.8	Desempregado	2	6.3
			Estudante	1	3.1
<b>Nacionalidade Agressor</b>			<b>Estado Profissional Vítima</b>		
Portuguesa	29	90.6	Empregado	24	75.0
PALOP	3	9.4	Desempregado	4	12.5
			Estudante	2	6.3
			Reformado	2	6.3
<b>Nacionalidade Vítima</b>			<b>Profissão Agressor</b>		
Portuguesa	29	90.6	Transportes	7	21.9
PALOP	3	9.4	Restauração	1	3.1
			Serviços	12	37.5
			Educação	1	3.1
			Forças de Segurança	3	9.4
			Saúde	3	9.4
			Outro	2	6.3
<b>Estado Civil Agressor</b>			<b>Profissão Vítima</b>		
Solteiro	8	25.0	Transportes	2	6.3
Casado	12	37.5	Restauração	1	3.1
União de Facto	1	3.1	Serviços	15	46.9
Divorciado	9	28.1	Educação	2	6.3
Separado	2	6.3	Saúde	4	12.5
			Outro	3	9.4

No que respeita à nacionalidade, 90.6% dos agressores e vítimas são de nacionalidade portuguesa e, 9.4% são provenientes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Relativamente ao estado civil, no caso dos agressores a maioria dos participantes são casados (37.5%), tal como as vítimas (34.4%).

Quanto à situação profissional, 90.6% dos agressores estavam empregados e, 75% das vítimas também. Tanto nos agressores como nas vítimas, a maioria tem profissões associadas a serviços (37.5% e 46.9% respetivamente).

## **Instrumentos**

### **Grelha sociodemográfica**

Foi elaborada uma grelha de recolha de dados com informações sociodemográficas que permitiram uma caracterização da amostra de acordo com sexo, idade, nacionalidade, estado civil, estado profissional e área da profissão de agressores e respetivas vítimas.

### **Inventário de Personalidade NEO-PI-R (Costa & McCrae, 2010)**

O inventário de personalidade NEO-PI-R é um instrumento de autorrelato composto por 240 itens que avaliam a estrutura da personalidade através dos seus cinco principais domínios (Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade, Conscienciosidade) e, das 30 facetas que os compõem. As respostas são dadas através de uma escala de Likert de cinco pontos, que varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

As propriedades psicométricas do instrumento original NEO-PI-R foram validadas na população portuguesa e, na análise da consistência interna efetuada através dos coeficientes alfa, obtiveram-se os seguintes valores para cada um dos cinco domínios: Neuroticismo  $\alpha = .853$ ; Extroversão  $\alpha = .796$ ; Abertura à Experiência  $\alpha = .849$ ; Amabilidade  $\alpha = .823$ ; Conscienciosidade  $\alpha = .864$  (Lima & Simões, 1995).

**Tabela 2**

*Análise consistência interna dos domínios do NEO-PI-R*

	Alpha de Cronbach
<b>Agressores</b>	
Neuroticismo	0.879
Extroversão	0.728
Abertura à Experiência	0.808
Amabilidade	0.813
Conscienciosidade	0.804
<b>Vítimas</b>	
Neuroticismo	0.837
Extroversão	0.800
Abertura à Experiência	0.808
Amabilidade	0.733
Conscienciosidade	0.804

Para o presente estudo, foi também analisada a consistência interna do instrumento, através do *Alpha de Cronbach* (Tabela 2) e, no que respeita aos domínios os valores obtidos são, na sua maioria, bons ou razoáveis, tanto nos agressores como nas vítimas. Os valores obtidos são idênticos aos valores obtidos na validação do instrumento na população portuguesa o que revela uma boa consistência interna (e.g., na validação na população portuguesa o domínio do Neuroticismo apresentava um  $\alpha = .853$  e no presente estudo apresenta um  $\alpha = .879$  nos agressores e,  $\alpha = .837$  nas vítimas).

**Tabela 3**  
*Análise consistência interna das facetas do NEO-PI-R*

	<i>Alpha de Cronbach</i>	
	<b>Agressores</b>	<b>Vítimas</b>
(N) Ansiedade	0.022	0.051
(N) Hostilidade	-0.268	0.061
(N) Depressão	0.603	0.643
(N) Autoconsciência	0.286	-0.404
(N) Impulsividade	-0.220	-0.197
(N) Vulnerabilidade	-0.028	-0.699
(E) Acolhimento Caloroso	-1.046	0.045
(E) Gregariedade	0.309	0.040
(E) Assertividade	0.478	0.463
(E) Atividade	-0.121	0.031
(E) Procura de Excitação	0.598	-0.143
(E) Emoções Positivas	0.172	-0.366
(O) Fantasia	1.155	0.333
(O) Estética	0.003	0.167
(O) Sentimentos	0.449	-0.223
(O) Ações	0.593	0.102
(O) Ideias	0.098	0.283
(O) Valores	0.267	0.009
(A) Confiança	0.465	0.135
(A) Retidão	-0.088	0.137
(A) Altruísmo	0.351	-0.713
(A) Complacência	-0.296	0.212
(A) Modéstia	0.240	-1.074
(A) Sensibilidade	-0.217	0.195
(C) Competência	0.527	-0.311
(C) Ordem	-0.052	-0.509
(C) Obediência ao Dever	-0.499	0.254
(C) Esforço de Realização	0.131	0.217
(C) Autodisciplina	0.166	0.193
(C) Deliberação	-0.052	-0.219

*Nota:* (N) refere-se ao domínio do Neuroticismo, (E) refere-se ao domínio da Extroversão, (O) ao domínio da Abertura à Experiência, (A) ao domínio da Amabilidade e, (C) ao domínio da Conscienciosidade.

Cada um destes domínios é composto por seis facetas que, em conjunto, definem o traço característico da estrutura da personalidade. A interpretação de cada faceta, por si só, não permite definir qual o traço(s) dominante(s), e, cada uma é composta por apenas oito itens o que reduz os valores da consistência interna se analisadas individualmente.

Por não estarem reunidas as condições mínimas de consistência interna nas facetas (Tabela 3), no presente estudo serão analisados apenas os cinco domínios, considerando as adequadas propriedades psicométricas.

### **Inventário de Violência Conjugal - IVC (Machado et al., 2008)**

O IVC é um instrumento cuja escala de autorresposta permite identificar a perpetração e/ou vitimação de comportamentos violentos nas relações de intimidade, sendo as respostas dadas “se adotaram esses comportamentos violentos” referentes à perpetração e “se, o parceiro adotou esses comportamentos violentos” referentes à vitimação (no IVC dos agressores foram recolhidas as respostas dos comportamentos efetuados e no IVC das vítimas dos comportamentos sofridos). É composto por 21 itens cuja resposta poderá ser “nunca fiz”, “fiz uma vez” e, “fiz mais que uma vez”. Não tendo uma cotação específica, a análise deverá ser efetuada em cada item isoladamente e, confirmando-se um deles (“fiz uma vez” ou “fiz mais que uma vez”), confirma-se um comportamento violento do e/ou para com o parceiro(a). O inventário permite identificar o tipo de maus tratos associados ao comportamento violento, nomeadamente maus tratos físicos (total de 4 itens: 1, 3, 10 e 13), maus tratos físicos severos (total de 9 itens: 4, 5, 8, 11, 12, 15, 16, 17 e 18) e, maus tratos emocionais (total de 7 itens: 2, 6, 7, 9, 14, 19 e 20). Assim, obtendo pelo menos um ponto nos maus tratos físicos, maus tratos físicos severos e/ou maus tratos emocionais, confirma-se a presença do comportamento violento.

**Tabela 4**

*Análise consistência interna dos maus tratos associados ao comportamento violento - IVC*

	<i>Alpha de Cronbach</i>
<b>Agressores</b>	
Maus Tratos Físicos	0.744
Maus Tratos Físicos Severos	0.971
Maus Tratos Emocionais	0.830
<b>Vítimas</b>	
Maus Tratos Físicos	0.792
Maus Tratos Físicos Severos	0.850
Maus Tratos Emocionais	0.895

Foi analisada a consistência interna do IVC, no presente estudo, através do *Alpha de Cronbach* (Tabela 4). Os valores obtidos variam entre razoáveis e excelente (este último,

nos maus tratos físicos severos perpetrados,  $\alpha = .971$ ) sendo que, globalmente, apresenta uma boa consistência interna.

### **Procedimento**

Os dados foram recolhidos através de análise processual de relatórios de avaliação psicológica forense provenientes dos serviços sob a tutela da Cooperativa de Ensino Superior Egas Moniz, nomeadamente o Gabinete de Psicologia Forense (GPF) integrado no Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz e do Gabinete de Informação e Atendimento à Vítima: Espaço Cidadania e Justiça (GIAV). Os relatórios consultados nos serviços foram solicitados pelo Ministério Público ou pelo Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, para apoio e auxílio na tomada de decisão judicial. Dos relatórios constam várias informações tais como, registo de entrevistas onde é realizada uma anamnese e abordada a história de vida, educacional e profissional do arguido e respetiva vítima, bem como resultados da aplicação de diferentes instrumentos de avaliação psicológica. Os dados recolhidos foram anonimizados e tratados de forma confidencial, tendo sido previamente recolhidas as devidas autorizações para a consulta processual. Foi também assegurado prévio parecer positivo da Comissão Científica do Mestrado em Psicologia Forense e Criminal do Instituto Universitário Egas Moniz, aprovação do Conselho Científico do Instituto Universitário Egas Moniz, bem como, aprovação da Comissão de Ética Egas Moniz.

## Resultados

### Análises Descritivas

As Tabelas 5 e 6 apresentam uma análise descritiva dos instrumentos NEO-PI-R e IVC, onde é possível verificar os valores médios obtidos, valor mínimo e valor máximo e, desvio padrão.

**Tabela 5**

*Análise descritiva dos domínios do NEO-PI-R (percentil)*

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
<b>Agressores</b>				
Neuroticismo	25.81	26.65	1	75
Extroversão	68.88	24.30	20	99
Abertura à Experiência	62.50	22.78	20	98
Amabilidade	71.16	23.52	20	99
Conscienciosidade	74.22	21.01	20	99
<b>Vítimas</b>				
Neuroticismo	30.91	32.36	1	99
Extroversão	56.16	29.44	1	99
Abertura à Experiência	62.75	24.54	3	99
Amabilidade	73.00	24.63	20	99
Conscienciosidade	68.28	24.66	5	99

Na Tabela 5, globalmente, as médias dos domínios estão mais próximas dos valores máximos da pontuação, sendo o valor médio mais elevado, nos agressores, referente ao domínio da conscienciosidade com uma média de 74.22 ( $DP = 21.01$ ) enquanto que nas vítimas, o valor médio mais elevado pertence ao domínio da amabilidade com uma média de 73.00 ( $DP = 24.63$ ). O valor médio mais reduzido é do domínio do neuroticismo tanto nos agressores, com média de 25.81 ( $DP = 26.65$ ) como nas vítimas com média de 30.91 ( $DP = 32.36$ ), variando entre 1 e 75 e, 1 e 99, respetivamente.

**Tabela 6**

*Análise descritiva dos maus tratos associados ao comportamento violento – IVC*

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
<b>Agressores</b>				
Maus Tratos Físicos	4.88	1.74	4	12
Maus Tratos Físicos Severos	9.53	2.65	9	24
Maus Tratos Emocionais	8.63	2.78	7	18
<b>Vítimas</b>				
Maus Tratos Físicos	5.66	2.31	4	12
Maus Tratos Físicos Severos	11.00	3.33	9	21
Maus Tratos Emocionais	11.16	4.59	7	21

A Tabela 6 evidencia valores médios próximos dos valores mínimos, tanto na perpetração como na vitimação. Os valores médios mais elevados, considerando os

valores mínimos e máximos, correspondem aos maus tratos emocionais quer nos agressores com média de 8.63 ( $DP = 2.78$ ) quer nas vítimas com média de 11.16 ( $DP = 4.59$ ). As médias mais baixas, face aos valores de limite mínimo e máximo, correspondem aos maus tratos físicos severos, tanto na perpetração com uma média de 9.53 ( $DP = 2.65$ ) como na vitimação com uma média de 11.00 ( $DP = 3.33$ ).

### Correlações

Para analisar se existe relação entre a personalidade do agressor e da respetiva vítima, num contexto de VRI, procedeu-se a uma análise correlacional. A Tabela 7 apresenta as correlações das pontuações brutas dos cinco domínios da personalidade, de agressores e vítimas.

Com base nos resultados obtidos é possível apenas confirmar uma correlação positiva significativa moderada entre a personalidade do agressor e respetiva vítima somente no domínio da conscienciosidade do agressor e na amabilidade da vítima ( $r = .564, p \leq .001$ ). Não se verificam outras correlações estatisticamente significativas entre os traços da personalidade do agressor e da respetiva vítima.

**Tabela 7**

*Correlações de Pearson entre os domínios do agressor e vítima (NEO-PI-R)*

	Vítimas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade
<b>Agressores</b>						
Neuroticismo		0.144	-0.007	-0.333	-0.327	0.059
Extroversão		-0.172	0.105	0.273	-0.073	0.015
Abertura à Experiência		-0.099	0.040	0.262	-0.090	-0.132
Amabilidade		0.079	0.042	0.093	0.113	-0.155
Conscienciosidade		-0.186	0.088	0.259	<b>.564**</b>	-0.018

\*\* $p \leq 0.01$ ; \* $p \leq 0.05$

Sendo as correlações uma análise estatística que permite identificar a associação entre duas variáveis, bem como o tipo de associação (positiva ou negativa), foi, igualmente, efetuada uma análise correlacional entre os domínios do NEO-PI-R e o IVC. Cada participante respondeu, no IVC, se tinha praticado maus tratos ao parceiro e/ou se tinha sofrido maus tratos do parceiro, sendo estas respostas dadas tanto pelo agressor como pela respetiva vítima. Assim, com esta análise pretendeu-se especificamente verificar se, associado aos domínios da personalidade, existe associação com o tipo de maus tratos perpetrados ou sofridos (Tabela 8).

Quando analisamos o traço mais característico da personalidade dos agressores e das vítimas com o tipo de maus tratos perpetrados, verificamos algumas correlações estatisticamente significativas.

**Tabela 8**

*Correlações de Pearson entre os domínios do agressor e vítima (NEO-PI-R) e o tipo de maus tratos (IVC)*

	Maus Tratos Emocionais Agressor	Maus Tratos Físicos Agressor	Maus Tratos Físicos Severos Agressor	Maus Tratos Emocionais Vítima	Maus Tratos Físicos Vítima	Maus Tratos Físicos Severos Vítima
<b>Agressores</b>						
Neuroticismo	<b>.561**</b>	0.338	<b>.500**</b>	-0.122	-0.282	-0.254
Extroversão	-0.328	-0.336	-0.248	0.166	0.038	0.345
Abertura à Experiência	-0.313	-0.335	-0.153	0.130	0.290	<b>.499**</b>
Amabilidade	<b>-.456**</b>	-0.235	-0.178	-0.071	<b>.375*</b>	-0.019
Conscienciosidade	<b>-.638**</b>	<b>-.408*</b>	<b>-.494**</b>	0.194	0.228	0.089
<b>Vítimas</b>						
Neuroticismo	-0.024	0.086	0.326	-0.067	0.142	0.079
Extroversão	-0.057	0.004	-0.131	0.229	0.135	0.002
Abertura à Experiência	-0.293	-0.001	-0.134	<b>.360*</b>	0.260	0.173
Amabilidade	<b>-.372*</b>	-0.245	<b>-.431*</b>	0.169	0.119	-0.136
Conscienciosidade	-0.073	-0.199	-0.137	0.047	-0.185	0.035

\*\* $p \leq 0.01$ ; \* $p \leq 0.05$

No que respeita aos agressores, é interessante realçar, a correlação negativa moderada entre a conscienciosidade e o relato dos próprios de perpetração de maus tratos emocionais ( $r = -.638, p \leq .001$ ) bem como maus tratos físicos severos ( $r = -.494, p \leq .001$ ) e maus tratos físicos ( $r = -.408, p \leq .001$ ) e, entre a amabilidade e os maus tratos emocionais ( $r = -.456, p \leq .001$ ). Identificam-se correlações positivas moderadas entre o neuroticismo e a perpetração de maus tratos emocionais ( $r = .561, p \leq .001$ ) e, maus tratos físicos severos ( $r = .500, p \leq .001$ ). Os resultados revelam também correlação positiva entre o domínio da abertura à experiência e os maus tratos físicos severos relatados pela vítima ( $r = .499, p \leq .001$ ) e, entre a amabilidade e os maus tratos físicos também reportados pela vítima ( $r = .375, p \leq .001$ ).

No que refere às características de personalidade das vítimas, verificam-se correlações negativas entre a amabilidade e os maus tratos emocionais ( $r = -.372, p \leq .001$ ) bem como os maus tratos físicos severos ( $r = -.431, p \leq .001$ ), na perpetração dos comportamentos violentos identificados pelo agressor. Verifica-se que o domínio da abertura à experiência, está positivamente correlacionado com os maus tratos emocionais indicados pela vítima ( $r = .360, p \leq .001$ ).

## Discussão

O presente estudo tinha como objetivos identificar a existência de uma relação entre a personalidade do agressor e da respectiva vítima, ao abrigo da VRI, bem como verificar se a personalidade poderia estar relacionada com o tipo de maus tratos perpetrados ou sofridos.

Relativamente à caracterização da personalidade, a maioria dos participantes do presente estudo, revelaram o neuroticismo como a característica menos expressiva (indicador de indivíduos emocionalmente estáveis, mais calmos e seguros), a extroversão e a abertura à experiência dentro dos valores normativos da população e, a amabilidade e conscienciosidade como os domínios mais elevados (indicador de indivíduos mais confiáveis e organizados) e que espelham a respectiva personalidade. Estes resultados são contraditórios às evidências encontradas na literatura. De facto, à luz da literatura (e.g., Dowgillo et al., 2016; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016) e no que concerne aos domínios da personalidade do *Big Five*, o principal preditor da VRI é o neuroticismo, sendo os domínios da abertura à experiência e, da extroversão também representativos. As evidências mostram também que a baixa amabilidade e conscienciosidade surgem relacionados com a perpetração de VRI, ou seja, os agressores apresentam baixa amabilidade e conscienciosidade. Assim, torna-se pertinente um estudo mais aprofundado, nomeadamente que permita compreender se estes resultados podem ter sido influenciados por limitações tais como a dimensão da amostra ou, por outro lado, se a VRI ocorre independentemente dos traços mais predominantes da personalidade do agressor e/ou da vítima, sendo a maior influência fatores de risco externos como o consumo de substâncias, experiências adversas na infância, entre outros. É importante também referir que, sendo cada domínio composto por seis facetas, poderão algumas das facetas, terem valores elevados, mas, na análise de todas as facetas, esse domínio apresentar um valor total normativo e, até, baixo. Por exemplo, no caso do neuroticismo, as facetas da hostilidade e impulsividade apresentarem valores elevados (associadas a comportamentos agressivos), mas nas restantes facetas apresentarem valores baixos, o que torna o domínio em si menos expressivo na personalidade do indivíduo. Este exemplo poderá explicar os resultados obtidos na amostra, ou seja, participantes que têm algumas das facetas explicativas de comportamento violento, mas que na análise global são minimizados por outras facetas com valores mais elevados. A expressão de cada faceta na personalidade do agressor e/ou da vítima não foi analisada por não estarem reunidas

as condições de consistência interna, como referido na descrição do instrumento NEO-PI-R, o que configura uma limitação do presente estudo.

Relativamente ao principal objetivo da presente investigação, que pretendia verificar a existência de relação entre a personalidade do agressor e da respetiva vítima, foi identificada uma relação entre o domínio da conscienciosidade do agressor e, o domínio da amabilidade da respetiva vítima. De acordo com os resultados, uma elevada conscienciosidade do agressor (personalidade com características de um indivíduo confiável, autodisciplinado, responsável) está associada a uma maior amabilidade da vítima (personalidade com características de um indivíduo bondoso, sentimental, empático) e vice-versa. Não foram encontrados estudos que evidenciassem a presença destes dois domínios da personalidade como conclusivos ou determinantes na VRI, com exceção do estudo de Ulloa et al. (2016) que, no caso das mulheres, associa a vitimação a uma baixa amabilidade. Como o presente estudo pretendia identificar a eventual existência de uma relação entre a personalidade do agressor e da respetiva vítima, não tendo sido identificado na revisão de literatura outros estudos que pudessem servir de comparação e análise a estes resultados, afiguram-se necessários mais estudos que incidam especificamente neste tema e, com uma dimensão superior em termos de amostra, para suportar ou refutar esta evidência.

Relativamente ao segundo objetivo do estudo, que pretende analisar se existe alguma relação entre os traços de personalidade do agressor e respetiva vítima e o tipo de violência perpetrada/sofrida, os resultados deste estudo indicam uma relação positiva entre o neuroticismo do agressor e o respetivo autorrelato de perpetração de maus tratos, o que vai ao encontro da literatura (Dowgwillo et al., 2016; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016). No que respeita ao autorrelato das vítimas sobre maus tratos sofridos, os resultados não evidenciaram qualquer relação entre o domínio do neuroticismo do agressor e a vitimação. Segundo a literatura, valores baixos nos domínios da amabilidade e conscienciosidade são também indicadores de perpetração de VRI. Quando relacionados com os maus tratos, confirmaram-se correlações negativas com a perpetração, ou seja, quanto mais elevado o domínio da conscienciosidade e da amabilidade, menor a perpetração de maus tratos e vice-versa, resultados corroborados pela literatura (Dowgwillo et al., 2016; Ulloa et al., 2016). É interessante constatar que os resultados demonstram que existe uma associação positiva entre a amabilidade do agressor e o autorrelato de maus tratos físicos pela vítima, ou seja, os resultados evidenciam que quanto maior a amabilidade do agressor maior a prática de maus tratos

físicos referenciados pela respetiva vítima. Estes resultados poderão ter sido influenciados por respostas dadas pelos agressores com o objetivo da desejabilidade social, com o intuito de quererem apresentar-se como alguém socialmente mais normativo e procurando ter uma imagem mais positiva de si próprio, pelo facto de estas avaliações serem feitas a pedido do Tribunal (não obstante o avaliado poder recusar-se à avaliação, sabe que tal situação será comunicada e poderá ter consequências legais) ou poderá tratar-se de um exagero no autorrelato das vítimas sobre os maus tratos sofridos ou de queixas falsas. Poderá, inclusivamente, existir psicopatologia que justifique esta tentativa de passar e reforçar uma imagem positiva por parte do agressor (e.g., psicopatia).

O domínio da extroversão é referido na literatura (Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016; Yalch et al., 2020) como estando relacionado com a perpetração e vitimação da VRI. Este estudo não encontrou qualquer relação entre este domínio de personalidade e a existência de comportamento violento na relação de intimidade. No domínio da abertura à experiência, do agressor, verificou-se uma relação positiva com os maus tratos físicos severos relatados pela respetiva vítima, o que é coerente com o estudo de Ulloa et al., (2016), dado este domínio ser um fator de risco precipitante de VRI.

Globalmente, os resultados deste estudo são compatíveis com o que a literatura evidencia, e, quando tal não sucede, poderá revelar uma manipulação de resultados, por parte dos participantes, com o intuito de transparecer uma imagem socialmente aceite e, dessa forma, obter uma avaliação mais favorável no processo de VD. Esta questão poderá sugerir que o ambiente no qual decorrem avaliações pode ter influência, isto é, se for num contexto clínico e realizado por iniciativa própria ou num contexto forense, poderão verificar-se diferenças nos resultados obtidos.

Não obstante as limitações do presente estudo (reduzida dimensão da amostra, ao facto de os instrumentos analisados serem de autorrelato - e por consequência poderem estar sujeitos a desejabilidade social - e, à recolha da informação ser ao abrigo de processos de queixa e, pedidas por Tribunal), estes resultados podem evidenciar a necessidade e importância da entrevista nestas situações, bem como instrumentos adicionais de avaliação, para detetar incongruências nos resultados das avaliações face à existência de maus tratos.

Estas evidências levantam também outras questões como o porquê de agressores com percentis normativos nas dimensões da amabilidade e conscienciosidade, perpetrarem maus tratos. Tal poderá dever-se a questões culturais relacionadas com crenças associadas à VRI (e.g., crenças legitimadoras ou minimizadoras da violência) o que poderá ser uma

sugestão para estudos futuros. Para além de aprofundar os objetivos principais do presente estudo, seria também importante analisar outras questões não abordadas e que poderiam ter implicação nos resultados, tais como, fatores de vulnerabilidade e fatores protetores da vítima bem como estratégias de coping e, eventuais consumos ou outros potenciadores de violência. Todavia, sendo a personalidade composta por características que são permanentes e estáticas, estes fatores teriam que ser analisados num historial de perpetração e vitimação em experiências adversas na infância e exposição a violência (Kimber et al., 2018; Nikulina et al., 2017), como forma de compreender o seu impacto na construção da personalidade e futuros comportamentos violentos.

Embora o presente estudo corrobore a maioria da informação existente na literatura, ainda existem poucos estudos que analisem os traços de personalidade e a respetiva relação com a perpetração e vitimação da VRI, principalmente, no que respeita à relação entre a personalidade do agressor e da própria vítima (no qual não foi encontrado qualquer estudo). Assim, são necessárias mais investigações, com amostras de maior dimensão, que possam confirmar ou não, estas questões de relação entre a personalidade de agressor e vítima, num contexto de VRI. Estas questões assumem maior relevância atendendo à sua universalidade, aos números elevados da VRI, quer em número de situações quer em custos físicos e económicos, com impacto elevado na saúde pública e consequências para o futuro das vítimas (Alonso et al., 2006; Baldry, 2003; Davoren et al., 2017; Matos et al., 2012; Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016).

Atendendo ao exposto, é fulcral continuar a estudar aprofundadamente este tema pois só com um conhecimento global e detalhado do problema se poderão criar e desenvolver programas, quer de prevenção quer de intervenção, que permitam reduzir a VRI. Abordar precocemente temas como ciúmes, controlo excessivo, agressividade, autocontrolo, gestão de emoções e, impulsividade, poderão contribuir positivamente para a mitigação dos comportamentos violentos no casal. Igualmente, estando identificadas experiências adversas na infância e/ou psicopatologias daí decorrentes, promover apoio psicológico que possa evitar repetição de comportamentos agressivos futuramente.

**Referências**

- Alonso, M. C. F., Velázquez, S. H., Guevara, J. A. C., Fernández, J. Á. M., & Castro, M. L. G. (2006). Protocolo para la evaluación de la efectividad de una intervención sensibilizadora y formativa en profesionales de atención primaria para la mejora de la detección de la violencia doméstica (ISFVIDAP). *Atención Primaria*, 38(3), 168-173.
- Baldry, A. C. (2003). “Stick and stones hurt my bones but his glance and words hurt more”: The impact of psychological abuse and physical violence by current and former partners on battered women. *International Journal of Forensic Mental Health*, 2(1), 47-57. <https://doi.org/10.1080/14999013.2003.10471178>
- Costa, P. T., & McCrae R. R. (1992). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4), 343- 359. <https://doi.org/10.1521/pedi.1992.6.4.343>
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2000). *NEO-PI-R, Manual Profissional, Inventário de Personalidade Neo Revisto*. CEGOC-TEA.
- Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: Invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425.
- Dardis, C. M., Dixon, K. J., Edwards, K. M., & Turchik, J. A. (2015). An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 16(2) 136-152. <https://doi.org/10.1177/1524838013517559>
- Davoren, M., Kallis, C., González, R. A., Freestone, M., & Coid, J. W. (2017). Anxiety disorders and intimate partner violence: can the association be explained by coexisting conditions or borderline personality traits?. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 28(5), 639-658. <https://doi.org/10.1080/14789949.2016.1172659>
- Day, V. P., et al. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande*, 25(1), 9-21
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Passos da Silva, C. M. F. (2000). Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(1), 129-137.

- Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 20, 245-262.
- Dowgwillo, E. A., Ménard, K. S., Krueger, R. F., & Pincus, A. L. (2016). DSM-5 pathological personality traits and intimate partner violence among male and female college students. *Violence and Victims*, 31(3), 416-437.  
<https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00109>
- Kimber, M., Adham, S., Gill, S., McTavish, J., & MacMillan, H. L. (2018). The association between child exposure to intimate partner violence (IPV) and perpetration of IPV in adulthood-A systematic review. *Child Abuse & Neglect*, 76, 273-286.
- Lima, M. & Simões, A. (1995). Inventário de Personalidade NEO PI-R. In L. Almeida, M. Simões & M. Gonçalves (Eds.), *Provas Psicológicas em Portugal*, 133-149. APPORT.
- Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Violência Doméstica: Conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Revista da Faculdade de Direito da UNL*, 3, 95-121.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). *Manual De Escala De Crenças Sobre A Violência Conjugal (E.C.V.C.) E Do Inventário De Violência Conjugal (I.V.C.): Escalas De Avaliação E Manual*. Editora Psiquilíbrios.
- Magalhães, M. J. (2005). *A Violência Nas Relações De Intimidade*.  
<https://www.cdofeminista.org/wp-content/uploads/2013/05/ViolenciaConceitosMJM2005.pdf>
- Matos, M., Machado, A., Santos, A., & Machado, C. (2012). Intervenção em grupo com vítimas de violência doméstica: Uma revisão da sua eficácia. *Análise Psicológica*, 30, 79-91.
- Minayo, M. C. S., & Souza, E. R. (1993). Violência para Todos. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(1), 65-78.
- Moreira, P., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & da Silva, C. F. (2019). Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: the role of personality. *Peer J*, 7, e6647. <https://doi.org/10.7717/peerj.6647>
- Nikulina, V., Gelin, M., & Zwillling, A. (2017). Is there a cumulative association between adverse childhood experiences and intimate partner violence in emerging adulthood? *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4).  
<https://doi.org/10.1177/0886260517741626>

- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3-24.
- Sistema de Segurança Interna (2020). *Relatório Anual de Segurança Interna 2020*.  
<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUABR26oAUAAAA%3d>
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Leon Aramburo, L. F. (2016). The Big Five Personality Traits and Intimate Partner Violence: Findings from a Large, Nationally Representative Sample. *Violence and Victims*, 31(6), 1100–1115. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055>
- Ventura, M. C. A. P., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 11(3), 95-103.
- World Health Organization. (1997). *Violence Against Women*. World Health Organization.  
[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/63553/WHO\\_FRH\\_WHD\\_97.8.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/63553/WHO_FRH_WHD_97.8.pdf)
- World Health Organization. (2002). *World Report on Violence and Health*. World Health Organization.  
[https://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)
- World Health Organization. (2014). *Global Status Report on Violence Prevention 2014*. World Health Organization.  
<https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793>
- Yalch, M. M., Rickman, S. R., Good, E. W., & Levendosky, A. A. (2020). Influence of personality traits on college women's appraisals of intimate partner violence. *Journal of Trauma & Dissociation*, 1-11.  
<https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1760411>



## Conclusão Geral

Apesar da universalidade e prevalência, de toda a sensibilização, programas de prevenção e intervenção atualmente existentes, da legislação e esforços governamentais e não governamentais, a VRI continua alarmante. Os números são elevados e, identificar todos os fatores de risco e de vulnerabilidade, poderá contribuir para uma melhor adequação de programas, leis e orientações e, eventualmente, erradicar esta problemática. É nesta perspectiva que surgiu o interesse no tema da presente dissertação, conhecer a realidade da VRI e, tentar perceber se conceitos menos estudados, como é o caso da influência da personalidade de vítimas e agressores, poderia ser um fator explicativo e, conseqüentemente, contribuir para a redução dos números.

Para cumprir com os objetivos propostos na dissertação, foi feita uma pesquisa intensiva de artigos científicos, que permitiriam conhecer detalhadamente a personalidade e o seu papel na VRI. Assim, foram elaborados dois artigos, sendo o primeiro uma revisão sistemática de literatura, que serviria de contextualização e enquadramento teórico no tema e, um ponto de partida para o segundo artigo, um estudo empírico.

A pesquisa para a revisão sistemática incluiu equações de modo a eleger os artigos, revistos por pares, publicados em revistas científicas e, com data inferior a 10 anos, que melhor abordassem e explicassem estes conceitos, evidenciando eventuais relações que servissem de ponto de partida a este estudo. Foram selecionados oito artigos que cumpriam os critérios de seleção e elegibilidade (comuns a duas ou três das equações de pesquisa).

O estudo empírico, com uma amostra de 32 casais, teve uma recolha processual para obtenção dos dados pretendidos, nomeadamente, informações sociodemográficas que permitissem caracterizar a amostra, resultados da aplicação do instrumento de avaliação da personalidade NEO-PI-R e do instrumento IVC. Desta forma, foi possível identificados domínios de personalidade de agressores e vítimas e, o tipo de violência perpetrado/sofrido. Sendo o objetivo principal perceber se existia uma relação entre a personalidade do agressor e da respetiva vítima, os resultados obtidos apenas confirmaram uma correlação positiva entre a conscienciosidade do agressor e a amabilidade da vítima. Este resultado poderá ser inovador considerando a ausência de estudos encontrados que relacionassem a personalidade do agressor com a respetiva vítima. O domínio com menor expressão foi o neuroticismo, não corroborando a revisão literária que refere este como o traço presente com maior expressão no agressor e na

vítima. Tal poderá dever-se à tentativa de manipulação de resultados com o intuito de transmitir uma imagem positiva ou, por exemplo, a estudos feitos com agressores e vítimas isoladamente e não agressores e respectivas vítimas. Na relação entre a personalidade do agressor e o relato de maus tratos da vítima, o segundo objetivo do estudo, verificou-se uma associação entre a amabilidade do agressor e a perpetração de maus tratos físicos e a abertura à experiência e a perpetração de maus tratos físicos severos.

Em conclusão, a presente dissertação permitiu uma compreensão da VRI, e toda a sua dinâmica, bem como o papel da personalidade, nomeadamente na relação entre os principais traços e o tipo de maus tratos perpetrados. Estes resultados poderão contribuir para o conhecimento de outros fatores explicativos da prevalência da VRI, tendo como principal limitação a dimensão da amostra. Serão necessários mais estudos que corroborem esta ligação e que poderão ser úteis no desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção. Estes programas, a incidir em questões associadas à personalidade, poderão abordar o autocontrolo, a tolerância à frustração, a impulsividade, a empatia, a gestão de emoções, entre outros conceitos que podem mitigar a perpetração de maus tratos. No que respeita às vítimas, a criação e desenvolvimento de programas que permitam uma autonomização poderão ser úteis na redução da vitimação, abordando temas como a autoconfiança, a gestão de emoções e, estratégias de coping. Em ambos os casos, é importante também o acompanhamento psicológico para avaliar qualquer psicopatologia que possa estar na origem ou advenha, do relacionamento violento. Adicionalmente, sendo a personalidade consolidada até ao princípio da adultícia, intervir precocemente com formações e ações de sensibilização nestes temas (e.g., desmistificar crenças desde cedo, não banalizar ou normalizar episódios de violência, incluindo ciúmes, manipulação e controlo), poderá contribuir para a redução das práticas violentas perpetradas e sofridas nos relacionamentos.

